



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**MESTRADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE – MLI**

**ROMUALDO DOS SANTOS CORREIA**

**ESPAÇOS HOMOSSOCIAIS E A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO**  
**HOMOERÓTICO EM *BOM-CRIOULO* E *O ATENEU***

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2010**

**ROMUALDO DOS SANTOS CORREIA**

**ESPAÇOS HOMOSSOCIAIS E A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO  
HOMOERÓTICO EM *BOM-CRIOULO* E *O ATENEU***

Dissertação apresentada ao Mestrado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa “Estudos socioculturais pela Literatura”, em cumprimento à exigência do curso para obtenção do título de mestre.

Orientador: Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2010**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

C824e Correia, Romualdo dos Santos.

Espaços homosociais e a representação do sujeito homoerótico em Bom-Crioulo e o Ateneu [manuscrito] / Romualdo dos Santos Correia. – 2010.

117 f.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2010.

“Orientação: Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes”.

1. Homoerotismo. 2. Identidade Social. 3. Literatura Brasileira. I. Título.

21. ed. CDD 306.766

Romualdo dos Santos Correia

ESPAÇOS HOMOSSOCIAIS E A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO  
HOMOERÓTICO EM *BOM-CRIOULO* E *O ATENEU*

APROVADA EM: 17/06/2010

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva - Orientador



---

Prof. Dr. Antonio Eduardo de Oliveira - UFRN



---

Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel - UEPB

Dedico este trabalho à minha família, cujos esforços e desvelo dirigiram-se, indistintamente, ao incentivo e encorajamento em favor do meu crescimento pessoal.

## **Agradecimentos**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus.

A minha mãe, que, desde o princípio da minha vida, foi um exemplo de força, coragem e incentivo, e de forma desmedida colaborou, com seu apoio e amor, para que eu chegasse até aqui.

A minhas irmãs, cujas exortações se dirigiram, indistintamente, para minha formação.

À professora Zuleide Duarte, por ter me apresentando o programa de Mestrado.

Ao professor Diógenes Maciel, que com um misto de rigor, sabedoria e compreensão mostrou-nos as melhores discussões em sala de aula.

Ao professor Alfredo Adolfo Cordiviola, que com sua paciência, carinho, dedicação e conhecimento mostrou a mais bela parte da literatura.

À Professora Geralda Medeiros, nunca esquecerei a inteligência e humildade com que nos apresentou seu conhecimento literário.

À professora Maria Goretti Ribeiro, cujas aulas foram o ápice de cultura, mitologia e crescimento intelectual.

À professora Marinalva Freire, por eu ter encontrado nela mais que uma professora: uma pessoa divina.

Aos colegas e amigos do curso, Ivon Rabêlo, Myrna A. Maracajá, Álisson de Albuquerque, Michele Ramos, Luciano Nunes, Alexsandro de Oliveira e todos os outros que estiveram juntos na mesma direção.

A todos os amigos que com palavras, atitudes e carinho me incentivaram e me ajudaram.

Aos amigos Edgar, Sérgio, Serginho e Jonhny, suas palavras me ajudaram muito...

Ao professor Antonio de Pádua Dias da Silva, por ter me acolhido como orientando, seu rigor e afeto foram diluídos desde o início... meus sinceros agradecimentos.

...Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,  
Real, visível como cais, cais realmente,  
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado,  
Insensivelmente evocado,  
Nós os homens construímos  
Os nossos cais nos nossos portos,  
Os nossos cais de pedra actual sobre água verdadeira,  
Que depois de construídos se anunciam de repente  
Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em Pedra-Almas,  
A certos momentos nossos de sentimento-raiz  
Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta  
E, sem que nada se altere,  
Tudo se revela diverso.



## Resumo

Ao longo desta pesquisa, tratamos de analisar a representação do homoerotismo em espaços homossociais a partir da análise dos romances naturalistas *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia. Apoiados em referenciais teóricos dos estudos de gênero, dos trabalhos genealógicos e históricos de Foucault, Naphy (2006), entre outros; e de conceitos sociológicos dos estudos *gays*, de contribuições psicanalistas, psicológicas e fenomenologistas analisamos as representações de identidades homoafetivas no contexto naturalista que elevaram a temática do homossexualismo ao cerne ficcional de fins do século XIX, e contribuíram, sobremaneira, para os estudos literários como referencial dos estudos *gays*. A partir do conceito de homossociabilidade e espaços homossociais, trouxemos para esta análise alguns questionamentos sobre a figuração de identidades *gays* nos romances, cujas prerrogativas naturalistas elevaram-nas à condição de determinismo biológico e social. Chegamos ao fim desta pesquisa conscientes de que a identidade *gay*, nos romances, é construída através do convívio homossocial alicerçado nas relações de poder e proteção, atreladas ao desejo homoerótico na construção da masculinidade dentro de uma lógica determinista, mas que também se molda pelo modelo grego da pederastia enquanto representação de uma identidade transitória.

Palavras-chave: Espaço, Homoerotismo, Homossexualismo, Homossociabilidade, Naturalismo.

## Abstract

Throughout this research, we analyzed the representation of homoeroticism in homosocial spaces from the naturalistic novels *Bom-Crioulo* (1895), by Adolfo Caminha, and *The Athenaeum* (1888), by Raul Pompeia. Building on theoretical frameworks of gender studies, historical and genealogical work of Foucault, Naphy (2006), among others, and sociological concepts of gay studies, contributions from psychoanalysts, psychological phenomenologists and did some analysis of representations of homoerotic identities in the context naturalist who raised the issue of homosexuality to the heart fictional late nineteenth century, and contributed greatly to the literary studies of gay studies as a reference. From the concept of homosocial and homosocial spaces, brought to this analysis some questions about gay identity in the novels naturalists whose prerogatives amounted to the condition of biological determinism and social. Reached the end of this research aware that gay identity in novels, is built through personal contact homosocial grounded in power relations and protection, linked to homoerotic desire in the construction of masculinity within a deterministic logic, but also shapes the model Greek pederasty as a representation of a transient identity.

Keywords: Space, Homoeroticism, Homosexuality, homosocial, Naturalism.

## Sumário

Introdução	10
1 - O homoerotismo: aspectos científicos e literários	18
1.1 – Grécia e Roma: a pedagogia do homoerotismo	18
1.2 – A invenção do homossexualismo	27
1.3 – Adolfo Caminha e Raul Pompéia: algumas considerações acerca do romance Naturalista	33
2 – A representação do desejo e da transgressão homoerótica nos romances em estudo	48
2.1 – Desejo e transgressão: a representação do homoerotismo em <i>Bom-Crioulo</i>	48
2.2 – Desejo latente e homoerotismo n’ <i>O Ateneu</i>	61
3 – O espaço homosocial em <i>Bom-Crioulo</i> e n’ <i>O Ateneu</i>	70
3.1 – Espaço físico e ambientação em contexto homoerótico em <i>Bom-Crioulo</i>	70
3.2 – A representação da identidade <i>gay</i> no contexto naturalista: Amaro e Aleixo	83
3.3 – O espaço homosocial e as relações de poder em <i>O Ateneu</i>	89
Considerações finais	108
Referências bibliográficas	112

## Introdução

Tendo como base o homossexual e sua representação em espaços homossociais, esta pesquisa objetiva estudar tais representações em contextos onde as relações homossexuais e homossociais se embasaram, sobremaneira, numa perspectiva opressiva e discriminatória, outras vezes favoráveis e propiciadoras dessas relações. Partindo da literatura, como *lócus* de teor ideológico, analisaremos em dois romances, a saber, *Bom-Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha e *O Ateneu* (1888)<sup>1</sup> de Raul Pompéia, as relações homossexuais e as ideologias disseminadas pelos discursos patriarcais e científicos que vigoraram durante aquele período, respectivamente fins do século XIX. Apesar de o termo “homoerotismo” ser bastante recente nos estudos gays, ele será utilizado durante a pesquisa por não apresentar uma carga pejorativa e discriminatória. No entanto, o termo “homossexualismo”, também utilizado neste trabalho, torna-se mais pertinente, uma vez que reflete o pensamento do século XIX e da ciência médica da época, além de estabelecer uma análise diacrônica nos romances.

Esta pesquisa consiste em analisar e discutir a representação de *gays* em espaços homossociais no contexto literário do Naturalismo, utilizando como arcabouço teórico os estudos de gênero e os pressupostos históricos da sexualidade e das relações de poder numa ótica foucaultiana. Não pretendemos abordar as causas da homossexualidade masculina, uma vez que tal empreendimento foge da proposta literária a que se submete tal estudo, mas colocar em discussão a representação de sujeitos marcados pelo estigma do homossexualismo e as

---

<sup>1</sup> Referimo-nos às datas dos originais, embora, neste trabalho usemos as edições de *Bom-Crioulo* (2007) e *O Ateneu* (2007).

relações sociais desencadeadas em instituições fundadas no exercício do poder, a saber, as instituições de convívio exclusivamente masculino.

Em um primeiro momento, discutiremos a homossexualidade e os contextos culturais que sublevaram as relações entre “iguais” à categoria de pederastia, sobretudo na Grécia e em Roma no período clássico. Tomando, assim, uma perspectiva histórica, pretendemos demonstrar as características das relações homoeróticas num contexto em que o conhecimento e a formação do homem estavam intrinsecamente ligados à afetividade e ao amor homossexual. Como veremos no primeiro capítulo desta pesquisa, é, justamente, no período clássico grego que o homoerotismo ganha contornos de civilidade e de *status* social elevado, uma vez que traduz aspectos da masculinidade, num recorte de visibilidade cuja aceitação era, não somente cultural, mas também imprescindível para a formação do cidadão grego e do pensamento de uma cultura elevada.

É no período clássico grego que, também, se desencadeiam as relações de poder e os pilares do patriarcado. Se a aceitação das relações pederásticas entre pedagogo/efebo estavam fundamentadas na amizade e amor, também não se dissociavam de compassos binários como homem/adolescente, passivo/ativo, forte/fraco. A questão a ser levantada por este estudo não pretende fazer o julgamento da sociedade grega no que tange às relações homoeróticas, mas tão-somente buscar a compreensão de como seus pilares estruturais colaboraram para a formação do pensamento ocidental acerca da homossexualidade.

Ainda no período clássico, encontraremos na sociedade romana, outra maneira de encarar as relações homoeróticas. Conforme Naphy (2006), a homossexualidade masculina não diferia da sua ideologia fundamentada no poder de possuir, de penetrar. Para os romanos, o homoerotismo representou uma das

suas características principais: possuir, ter, penetrar o outro. A hegemonia daquela sociedade não desconhecia o valor da cultura helênica nos termos das relações pederásticas, todavia não reconhecia nelas qualquer interesse que não fosse o da posse, do poder de subjugar, mesmo que fosse via desejo.

Outro ponto a ser abordado trata da construção e invenção do homossexualismo no século XIX. Até então concebido como “pecado contra a natureza” ou “sodomia”, as relações entre pessoas do mesmo sexo saltam de um *status* elevado, como foram concebidas durante a era clássica greco-romana, para uma condição estigmatizante, estabelecida pelos discursos discriminatórios disseminados pela cultura judaico-cristã. Nesse ínterim, o que se pensou acerca da pederastia ou “amor entre homens” passa a ganhar contornos de elevada discriminação frente aos discursos religiosos e jurídicos. Se para o judaísmo a única função do sexo era a de procriar, tais sujeitos (*gays*) estavam aquém daquilo que fora determinado pela natureza do homem. Ainda baseado nesse discurso, o cristianismo, com a queda do Império Romano, ascende à condição de norteador de uma moral, fundada em bases judaicas, no que concerne ao sexo e sua função no contexto ocidental.

A questão da procriação é, por assim dizer, nesse contexto, a única função do sexo. O prazer, o desejo e todas as outras formas de sexualidades são, nesse interstício, completamente desviantes e se farão impor através de uma normatização de controle sexual, como percebeu Foucault em sua *História da Sexualidade* (2005, 2006, 2007). Seguindo uma lógica de que o sexo foi, durante muito tempo, alvo de estrita vigilância, podemos compreender as razões porque a literatura naturalista do século XIX preocupou-se em colocar o homossexual como sujeito que transgride a

norma, devendo, por isso, redimir-se frente à ciência por uma culpa que vai contra a natureza, mas que também é provocada por ela.

Redimido, em parte, pela ciência, uma vez que a condição de doente o destitui de uma vontade própria, o sujeito homossexual é determinado pela medicina e psiquiatria com suas características próprias. Temos, então, a identificação do sujeito homossexual em detrimento daqueles que praticavam a sodomia. Ora, se praticar a sodomia consistia em apenas uma possibilidade de desejo passível de castigo, porém não constitutivo de uma identidade, agora o próprio homossexual era, além de um transgressor, o sujeito patológico que deveria ser tratado, justificando, assim, que seus desejos desviantes partiam de alguma anomalia de ordem hereditária e da influência do meio. Além de uma influência científica, há, nesse momento, uma forte causalidade do meio como determinante da identidade do sujeito, pois além das condições patológicas, o *gay* também poderia ser construído no convívio social. Dessa forma, podemos perceber como a literatura que estudamos nos apresenta os espaços, como a Marinha Imperial em *Bom-Crioulo*, onde as personagens são as próprias cobaias do autor para representar a influência da raça e da convivência como determinantes de uma identidade. Amaro é um sujeito marcado pela violência, pela condição animal dos instintos e dos vícios; em oposição a Aleixo que será o “efebo”, numa perspectiva distorcida da cultura clássica, que faz comprovar, dentro de uma ótica determinista, que o meio é que determina a identidade do sujeito. Dessa mesma forma, temos n’*O Ateneu* de Raul Pompéia o espaço do internato como influência na vivência das sexualidades.

Ainda, faremos uma incursão no Naturalismo e nas bases filosóficas e culturais que o sublevaram à categoria de documentos científicos em favor da ciência. Abordaremos esse momento literário com base nos estudos, principalmente,

de Flora Süssekind (1984), que “dissecou” o Naturalismo e sua influência na construção da identidade nacional como uma escrita voltada para as realidades sociais. Sendo, para além da ficção, um romance voltado para o real, também enfocaremos algumas questões que fazem do romance naturalista brasileiro uma construção própria e que desfaz a idéia de importação européia, erguendo, assim, um arcabouço literário próprio da identidade nacional.

No segundo capítulo, abordaremos o espaço representado nos romances como próprio *locus* da homosociabilidade. A partir daí, observaremos a constituição das personagens e do enredo centrados numa localização ideológica que faz refletirmos sobre as características do romance naturalista ao apresentar o “meio” como determinante do comportamento e da identidade de seus atores.

Com base nos conceitos de Eve Kosofsky Sedgwick (1998), abordaremos a questão da homosociabilidade masculina e do desejo homoerótico dentro de espaços de convivência exclusivos do homem, como as forças armadas e o internato. Trataremos, também, das relações de poder nesses espaços, como formas de sociabilidade e da vigilância sobre as sexualidades no centro da formação dos espaços que refletiram, segundo Foucault, “o controle minucioso das operações do corpo” (1987, p. 118).

Nos romances em estudo, há uma convergência de espaços que nos faz reivindicar os conceitos de homosociabilidade, visto que expõem a convivência das personagens em lugares onde a mesma é estritamente masculina. Assim, as duas narrativas compreendidas neste estudo, dialogam com as mesmas condições de relações onde o desejo homosocial se torna patente na construção das personagens e de suas performances. Dessa forma, tomamos o conceito de Sedgwick (1998, s/p), quando explica que:



“Homossocial” é uma palavra ocasionalmente utilizada na história e nas ciências sociais, nas quais ela descreve os vínculos sociais entre pessoas do mesmo sexo; trata-se de um neologismo, obviamente formado por analogia com “homossexual”, tendo obviamente o intuito de ser distinta desta palavra.

E é nesse contexto que observamos em *Bom-Crioulo* e n’*O Ateneu*, espaços que refletem um sem-número de possibilidades para as relações homoeróticas atreladas ao desejo homossocial. Exemplo dessa analogia são as condições em que se desencadeiam as relações de poder entre Sérgio e Sanches; Amaro e Aleixo. Ora, as personagens estão atreladas a um lugar próprio do masculino, estabelecido pelos padrões de virilidade e de competição, em que a disputa de poder subjuga ou eleva o sujeito à posse do poder sobre um outro, mais fraco, mas sem nunca descartar o desejo homoerótico. Nessas condições, torna-se imprescindível concordar com Sedgwick (1998, s/p) quando explana sobre o “desejo”:

Escolhi a palavra “desejo” em detrimento da palavra “amor” para marcar uma ênfase erótica, pois, no letramento crítico e no discurso relatado, o termo “amor” é mais facilmente utilizado para nomear uma emoção particular, e o termo “desejo”, para nomear uma estrutura; neste estudo, uma série de argumentos sobre as permutações estruturais dos impulsos sociais dá combustível à dialética crítica. Na maior parte deste estudo, utilizarei a palavra “desejo” de forma análoga ao uso psicanalítico da palavra “libido” – não por um estado particular afetivo ou emoção, mas por força afetiva ou social, mesmo quando sua manifestação é a hostilidade ou o ódio ou algo com uma carga menos emotiva, que confere forma a um relacionamento importante.

Levando em consideração que, neste capítulo, trataremos das relações homossociais e do desejo homoerótico, temos como base os próprios espaços das narrativas. Uma vez que nas obras em estudo o espaço reflete uma posição das personagens em contato direto com o desejo, podemos perceber que esses atores desenvolvem uma estrutura humana com evoluções heróicas próprias da narrativa.

Obviamente, o contexto que elevou tais obras não os identifica como heróis, entretanto a própria estrutura da ficção nos permite apontar para um anti-herói ou um herói “distorcido”, como pregou Bosi (2006).

Presume-se, para nossa pesquisa, que a relação entre literatura e homoerotismo é intrinsecamente relevante para os estudos literários, visto que além do valor artístico, aquela tem como função social representar a realidade, mesmo estando além do real. Certamente, observamos que a importância desse empreendimento liga-se, indissociavelmente, com os estudos literários, uma vez que na narrativa enfocada encontramos discursos acerca do homoerotismo e de sua representação no contexto das instituições cimentadas pela vigilância dos corpos e pelo poder.

Não pretendemos nos abster de uma análise sociológica das obras escolhidas, mas fazer um recorte que, a partir dos estudos literários com os aportes teóricos de teor sociológico, nos proporcione um esclarecimento de seus aspectos sociais como afirmou Antonio Candido (2000).

Pretendemos, com esta pesquisa, refletir acerca do homoerotismo e sua representação na literatura como fulcro de teor ideológico de um discurso acerca da masculinidade, cuja reflexão atesta a conduta do *gay* na sociedade ocidental. Propomos uma discussão que se presume relevante dentro do contexto atual, visto que as relações homoafetivas e os temas ligados à homossexualidade são deveras visibilizados no momento atual, como afirmou Silva:

O que move a reivindicação desejada é o fato de, primeiramente, o sujeito *gay* estar sendo atualmente motivo de discussão nos fóruns simbólicos e materiais de representação, uma vez que vem adquirindo *status* discursivo, como nunca aconteceu anteriormente na história do homem ocidental. Isso porque se percebeu que “a comunidade *gay*” não só diz respeito a uma grande parcela da população mundial, mas sobretudo porque, sendo uma cifra representativa, constitui uma *identidade* com sua lógica de existência

e interpretação, bem como necessita de aportes teórico-críticos no campo da cultura, que venham conferir-lhe *status* de sujeito validado no campo social pela diferença que o marca [...] (SILVA, 2007, p. 32).

Enfim, a pretensão deste trabalho de pesquisa é refletir acerca das representações de *gays* a partir da literatura, nos romances que escolhemos, visando a compreender se as relações homoeróticas e o desejo gay dentro de espaços exclusivamente masculinos refletem uma identidade pré-determinada e/ou construída no meio social, ou se as relações de poder nessas estruturas “verticais” se tornam imperativas na construção da masculinidade a partir do desejo homoerótico.

## 1 – O homoerotismo: aspectos científicos e literários

### 1.1 Grécia e Roma: a pedagogia do homoerotismo

Neste capítulo, pretendemos abordar o homoerotismo – homossexualismo como se costumava dizer no século XIX – dentro de uma perspectiva histórica que se desencadeia desde as sociedades clássicas até o advento das ciências médicas e deterministas do século XIX. Os conceitos acerca do homoerotismo e a prática homossexual que atravessam os séculos variam de uma sociedade a outra e, muitas vezes, estão impregnados seja de relevante aceitação até a homofobia exacerbada. Como tratamos de representações transgressoras nos *corpus* desta pesquisa, é imprescindível buscar na história as noções do que foi a homossexualidade e do que ela representou para que possamos compreender, de um lugar literário, os pilares teóricos que nortearam os discursos acerca dela em fins do século XIX.

Utilizaremos o termo homoerotismo preferencialmente para definir as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo a partir deste capítulo. Todavia, também utilizaremos os termos homossexuais, homossexualismo e homossexualidade desde que sejam pertinentes ao contexto a que se referem, além do termo “gay” como substantivo qualificador para as personagens, tendo como base uma conotação anti-

pejorativa, visto que reflete uma tomada de posição política no momento pós-Stonewall<sup>2</sup>.

Buscando no período clássico grego as relações entre indivíduos do sexo masculino, precisamente as relações sexuais, encontraremos um modelo de sexualidade baseado numa estrutura vertical, onde o homem mais velho pretende e possui o efebo (rapaz) dentro de uma lógica em que sua função consiste não em sodomizar o outro, como se dirá num momento adiante, mas sim em estabelecer uma ligação afetiva que já estava consolidada nos padrões culturais daquela civilização. Longe da perversão que o judaísmo e, conseqüentemente, o cristianismo instauraram acerca das relações homossexuais, a cultura grega trouxe para a civilização ocidental não só a naturalidade com que aconteciam tais relações, mas também a importância do *Eros* que se estabelecia entre o pedagogo e o efebo. Não se trata, aqui, de que a sexualidade e o desejo homoerótico sobrepuseram-se numa esteira de um erotismo meramente sexual e sim em conformidade com valores afetivos, como nos diz Naphy (2004, p. 55):

É importante perceber que o amor entre homens constituía um elemento muito importante de toda a cultura grega. Tem havido a tendência de nos concentrarmos na pederastia ateniense, a qual se encontrava bastante institucionalizada, ou no sistema de camaradagem masculina entre os soldados espartanos. Embora importantes, essas não são as únicas formas que os Gregos construíram e aceitaram para o amor entre homens – e os Gregos colocavam sempre em primeiro plano a ligação emocional, nunca com exclusão dos aspectos sexuais. Como outras sociedades, os Gregos situavam as relações entre homens, baseadas no amor, afecto e amizade acima dos laços conjugais (muitas vezes combinados por outros), baseados no desejo de produzir descendência.

Conforme sabemos, a prática do homoerotismo consistiu de grande aceitação e prestígio na sociedade Greco-clássica. A educação e a formação do homem dentro

---

<sup>2</sup> Refiro-me ao levante de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros contra a perseguição policial em Nova Iorque em 28 de junho de 1968 no bar “Stonewall Inn” que marca a luta por direitos civis dos grupos gays.

da cultura grega presumiam que os rapazes mais jovens e livres necessitavam do conhecimento para tornarem-se cidadãos. Não é de estranhar o fato de que muitas vezes a própria família dos jovens escolhesse o pedagogo que faria essa “introdução” daqueles no mundo do conhecimento de seus deveres enquanto homem e cidadão. Como já dissemos anteriormente, o ato sexual em si não era para a sociedade grega o ponto relevante dessa formação e sim a afetividade e os valores inerentes a ela. Dessa forma, Woods (1998) nos apresenta alguns aspectos da relação pedagogo/efebo, mostrando que:

O ato principal de expressão foi o relacionamento homossexual intercrural (ou seja, a inserção do pênis do homem entre as coxas do rapaz). O homem deveria ser sempre ativo, o menino correspondente passivo. Na verdade, o menino não tinha, estritamente, o propósito de mostrar qualquer interesse particular em fazer sexo com seu amante, e, quando eles faziam amor, sempre por iniciativa do amante, o rapaz não era para fazer qualquer expressão demonstrativa de prazer. Nas representações pictóricas do intercurso homossexual, o pênis do menino é raramente mostrado ereto. Felação e coito anal não eram considerados adequados para uma relação adequada de ensino necessariamente moderada e digna. (WOODS, 1998, p. 21. Tradução nossa.)<sup>3</sup>

Outro apontamento importante na relação entre “iguais” no centro da cultura grega é que a pederastia acontecia mais como um momento de transição para o adolescente do que como uma imposição do desejo homoerótico de seu pedagogo. A distinção entre o amor por rapazes e o amor por mulheres não foi para a sociedade grega um distúrbio identitário ou um confronto de desejos desviantes; ora, para eles a noção de homossexualidade (termo que não existia na época) não era dissociada do amor heterossexual. Conforme nos diz Foucault (2007), o desejo pelo

---

<sup>3</sup> The principal act of homosexual expression was intercrural intercourse (that is, the insertion of man's penis between the boy's thighs). The man was expected to be invariably active, the boy correspondingly passive. Indeed, the boy was not strictly meant to show any particular interest in having sex with his lover, and when they did make love, always at the lover's instigation, the boy was not meant to make any demonstrative expression of pleasure. In pictorial representations of homosexual intercourse, the penis of the boy is only rarely shown erect. Fellatio and anal intercourse were not generally considered to appropriate to the moderation and dignity required of a properly educational relationship.

sexo oposto ou pelo próprio sexo não distinguia duas práticas adversas, mas um olhar desejanste daquilo que é belo e que a própria natureza de si impunha no pensamento do homem grego. Dessa maneira,

É claro que a preferência pelos rapazes e as moças era facilmente reconhecida como um traço de caráter: os homens podiam se distinguir pelo prazer ao qual eram mais ligados; questão de gosto, que podia prestar-se a gracejos, mas não questão de tipologia implicando a própria natureza do indivíduo, a verdade do seu desejo ou a legitimidade natural de sua inclinação. Não se concebia dois apetites distintos, distribuindo-se em indivíduos diferentes, ou confrontando-se numa mesma alma; encarava-se antes como duas maneiras de obter seu prazer, uma das quais convinha melhor a certos indivíduos ou a certos momentos da existência. As práticas com rapazes e com mulheres não constituíam categorias classificatórias entre as quais os indivíduos pudessem repartir-se; o homem que preferia os *paidika* não se experimentava como “outro” face àqueles que buscavam as mulheres (FOUCAULT, 2007, p. 170).

Mas, por outro lado, se levarmos em conta que as relações sexuais entre homens se construíam em binarismos pedagogo/efebo, homem adulto/adolescente, nos deparamos, também, com outro compasso que nos faz analisar essas relações do ponto de vista do exercício de poder que constitui a relação forte/fraco. Ora, na sociedade grega clássica as relações de poder também estavam muito bem definidas, uma vez que é dela que se consolidaram as estruturas patriarcais. Levando em consideração a posição inferior da mulher, sua condição de passividade e subserviência, compreenderemos que na relação entre homens esses binarismos constituem, também, uma posição inferior: a de ser penetrado. Não pretendemos com esse recorte abrir uma discussão acerca do prazer ou do amor que se desencadeou no momento clássico nas relações homossexuais, mas sim estabelecer uma análise pelo viés das relações de poder enquanto estruturantes das instituições gregas da pederastia.

Como vimos anteriormente, muitas vezes a própria família do adolescente escolhia o pedagogo que iria iniciá-lo no aprendizado, no conhecimento e na

formação do homem grego. Parece-nos, nesse interstício, que, para além do amor que se consolidará, há uma digressão daquilo que se impõe como essencial para uma satisfação em “possuir” o outro. Conforme percebemos, nas relações entre homens no período clássico grego, há uma disposição do homem adulto em penetrar o adolescente. Como traço cultural, essa prática coloca o adolescente em posição de inferioridade em relação ao outro. O ato de penetrar, cremos, estabelece, assim, uma das primeiras formas de dominação, uma vez que o rapaz penetrado fica em pé de igualdade com a condição da mulher dentro da sociedade patriarcal. Certamente não é nossa intenção trazer essa discussão para o palco dos estudos feministas, mas sim introduzir, a partir daí, um olhar sobre a representação do efebo – enquanto passivo – na mesma condição da mulher submissa ao macho e ao poder do modelo heteronormativo.

Contudo, a condição do efebo não seria uma constante situação, como no caso da mulher. A pederastia consistia num período de transição do rapaz; uma iniciação ao mundo do conhecimento. Concluída essa transição – já na idade adulta – ele estaria pronto para exercer seu papel de cidadão, podendo casar-se e procriar conforme seus desejos. A pederastia não consistiu em uma relação homossexual, mas num ritual de transição moldado na cultura grega para a formação e aprendizagem do adolescente. Isso não quer dizer que aquele adolescente não pudesse ou jamais quisesse continuar com as práticas homossexuais passivas, embora para a sociedade grega fosse degradante a passividade do homem adulto na relação pederástica.

Partindo do período clássico grego para o Império romano depararemos-nos com uma prática de pederastia de influência helênica. Não se trata, porém, de um amor entre homens tradicionalmente legitimado como na Grécia, mas como um



reconhecimento dos romanos por algumas práticas de uma civilização notadamente superior. No entanto, para os romanos, a prática do sexo entre homens diferia dos gregos, uma vez que não parecia importante – na verdade não era – como um modelo de formação educativa de seus adolescentes. Para eles, o ato de penetrar era mais importante (NAPHY, 2004). Certamente o “penetrar” não distinguia, para os romanos, idade ou classe social. Nesse contexto, a relação entre homens se dava como ponto estruturante da hegemonia romana de conquistar e de se impor como império subjugando outros povos e nações. O “penetrar” era, então, uma forma de dominação, por isso não incomodava aos homens romanos as relações com escravos ou prostitutos, uma vez que na relação sexual estes dois últimos não se igualavam ao *status* daqueles primeiros. Dessa forma, chegamos à conclusão de que a cultura romana – no que concerne à sexualidade – se restringia ao ato de penetrar, como nos diz Naphy (2004, p. 62):

[...] O prazer e a procriação eram ambas razões igualmente aceites para a actividade sexual, mas basicamente, um “homem” penetrava alguém ou alguma coisa. O homem podia penetrar para gerar filhos, por simples prazer, por razões de Estado, ou mesmo por amor – mas o *homem* penetrava. Desde que essa “ordem natural” fosse mantida os Romanos pagãos pouco encontravam que merecesse a pena ser comentado ou criticado. Mas transgredir essa ordem correcta da natureza e ser penetrado – quando adulto – acarretava a desonra e uma condenação quase tão violenta como a homofobia dos nossos dias. É importante por isso analisar a construção cultural romana do “natural” para ficarmos com alguma idéia do que era ou não socialmente aceite.

Como vimos, a relação sexual entre homens para os romanos, assim como para os gregos não se distinguia em uma dicotomia homossexual=ruim, heterossexual=bom. O que pesava, na verdade, era quem era passivo na relação sexual. A pederastia entre os romanos era encarada de maneira “natural” e socialmente tolerada, de modo que até mesmo a poesia romana enaltecia o amor entre homens, desde que isso acontecesse dentro dos padrões culturais

estabelecidos pela ordem vigente. Entretanto, a passividade, na vida adulta, do homem romano, era motivo suficiente para uma condenação; visto que era encarada não como um fato natural como o ato de pederastia (com adolescentes), mas como a própria homossexualidade nos moldes que fora estabelecida no século XIX. É interessante perceber que a pederastia se diferenciava do que hoje chamamos de homossexualidade. Para os romanos, ter uma relação homem-rapaz não consistia num ato homossexual, mas num fato tolerado e estabelecido pela cultura do poder hegemônico em detrimento da relação homem-homem, uma vez que nesta última há uma escolha do sujeito em ser passivo. Dessa forma, não se pode analisar a questão das relações sexuais entre os homens de um ponto de vista da nossa atualidade. Não se pode dizer que a homossexualidade *foi* realmente uma prática socialmente aceita nas sociedades gregas e romanas, uma vez que no cerne de sua compreensão havia outras questões que não as que hoje compreendemos acerca dela. Nesse ponto, devemos concordar que:

[...] a sociedade romana era diferente da nossa em alguns aspectos importantes. Em primeiro lugar, os Romanos aceitavam o sexo entre um homem adulto e um rapaz adolescente, que a maioria das sociedades ocidentais criminalizou como pedofilia. Conheciam o conceito da pedofilia (sexo com uma criança) mas tinham uma categoria adicional para o sexo com um adolescente – a pederastia. Contudo, partiam do princípio de que esse comportamento constituía apenas uma fase e que nenhum homem adulto continuaria a querer ser penetrado. No entanto, os homens adultos continuariam a achar atraentes os jovens adolescentes e a ter relações sexuais com eles.

Outro facto importante é que os Romanos achavam perfeitamente razoável ter relações sexuais com escravos e prostitutas independente da sua idade e sexo. [...] A prostituição era legal e qualquer Romano livre podia penetrar a sua escrava ou escravo ou concubinos libertos, ao passo que os escravos e os libertos eram eles próprios tão menosprezados que a sua atividade sexual era perdoada [...] (NAPHY, 2004, p.64).

E concebendo que a pederastia se distinguia sobremaneira da homossexualidade como hoje a vemos, os romanos e os gregos destacavam os homens que se deixavam penetrar na vida adulta de modo discriminatório. O que

hoje chamam de “bicha”, “viado” ou outras denominações pejorativas, tanto para o sujeito ativo como para o passivo, também tiveram seus correlativos naquela sociedade como *cinaedus* ou *catamito*. Essas denominações tratavam, exclusivamente, de homens adultos que se deixavam penetrar e traziam consigo uma carga elevada de desprezo, o que, segundo Richilin (apud NAPHY, 2004) consistia numa traição dos valores romanos e da posição que deveria destacá-los enquanto uma sociedade de poder hegemônico: que não deixava de ser o poder de “penetrar”.

É importante ressaltar que, para a sociedade romana, a passividade estava intrinsecamente ligada à inferioridade feminina e a outras sociedades cujo destino seria o subjugo ao império “ativo” que Roma fazia exercer. Sofrer, suportar e ser penetrado consistia numa atividade própria da mulher e isso foi associado, também, aos homens cujas atividades sexuais eram passivas. Nesse contexto, a atividade passiva masculina tem, para os romanos, uma conotação extremamente negativa, uma vez que está associada a um tipo de patologia, fato anterior ao que se consolidou no século XIX ao se inventar o homossexualismo. Entretanto, há uma distinção peculiar entre o conceito inventado mais tarde, no século XIX: para os romanos a patologia consistia no homem adulto que continuasse a exercer atividade passiva, e não para os rapazes, cuja passividade era culturalmente consentida (NAPHY, 2004).

Durante cerca de mil anos, o homoerotismo – ou o processo iniciático – na Grécia e em Roma foi motivo de grande exaltação e, até mesmo, signo de uma elevada cultura. Com a queda do Império romano e, conseqüentemente, a cristianização de Roma, o homoerotismo passa a ser visto conforme os valores estabelecidos pela cultura judaica para a qual o sexo servia apenas para procriação.

Sendo uma atividade simplesmente procriadora, o sexo, do ponto de vista dos cristãos e das religiões monoteístas, não se concebia “natural” se feito entre duas pessoas do mesmo sexo. Tratado como o “pecado contra a natureza”, o homoerotismo ganha *status* de sodomia<sup>4</sup> e passa a ser punido, inicialmente, com a penitência e, mais tarde, com castigos e até pena de morte. Com efeito,

Apesar destas várias reacções à homossexualidade, a igreja, de um modo geral, reconhecia que existia num mundo onde se praticavam actos homossexuais e em que alguns homens (e mulheres) pareciam escolher as relações homossexuais com exclusão de todas as outras. Essa homossexualidade era apenas um dos elementos da sexualidade pagã Greco-romana que a igreja constatava e repudiava. A maioria dos teólogos e pregadores dos grandes centros metropolitanos (Roma, Alexandria, Constantinopla) parecia também ter aceite que a atracção entre homens era “natural”, no sentido de “normal”, mas que se devia resistir a ela. Não obstante, a idéia essencial que surge com o judaísmo e atravessa a igreja primitiva até a vitória do cristianismo sobre o Império Romano pagão dizia que a finalidade do sexo era a procriação e *não* o prazer. Embora isso impedisse muitos tipos de relações heterossexuais excluía particularmente todos os tipos de encontros homossexuais (NAPHY, 2004, p 78).

De fato, a influência judaico-cristã sobre o Mediterrâneo, no que tange à homossexualidade, colaborou inexoravelmente para a formação do pensamento e dos padrões heteronormativos que se estabeleceriam na Europa e, depois, no Ocidente. Os traços da cultura pagã Greco-romana ficaram apenas nas páginas dos livros cujos escritos enalteceram o amor entre “iguais” e o *status* social que os distinguia em detrimento do pensamento patriarcal, cujos valores estavam aquém de uma cultura clássica superior.

---

<sup>4</sup> Termo cunhado pela cultura judaico-cristã e associado ao sexo anal (praticado tanto com homens ou com mulheres) com base nos escritos bíblicos acerca da cidade de Sodoma onde se praticava o sexo anal entre pessoas do mesmo sexo, não excluindo também outras formas de práticas sexuais entre heterossexuais.

## 1.2 A invenção do homossexualismo

O mundo ocidental viria a assistir uma série de mudanças acerca de tudo aquilo que a era clássica Greco-romana havia construído, no que tangia ao desejo entre homens. Longe de admitir um código que proibisse o sexo, dissemina-se uma série de discursos acerca dele. É justamente nesse momento (século XIX), que a ciência toma as rédeas do pensamento religioso que até então condenou o “pecado contra a natureza” para classificá-lo, dar-lhe um nome e distingui-lo daquilo que antes se dizia apenas “sodomia”. Seguindo uma lógica de que a economia do sexo, a dispersão dos prazeres teve, durante fins do século XVIII e século XIX, grande importância para os meios de produção e a força de trabalho, logo admitir-se-á que toda atividade sexual não-produtiva também deve estar desvinculada do discurso hegemônico (FOUCAULT, 2007).

Sem dúvida, a atividade produtiva se centrava dentro de um discurso onde o sexo era o princípio norteador da produção, visto que a atividade sexual, longe de ser um jogo de prazeres, deveria intensificar o jogo da (re) produção. Segundo Foucault (2007), o fim do século XVIII fora regido por códigos que vigiavam as sexualidades e estabeleciam as práticas sexuais dentro de uma divisão do lícito e ilícito. Tais regras estavam no cerne do matrimônio e das regras de aliança e tinham como objetivo vigiar o casamento e as relações sexuais. As relações homossexuais também não fugiam a esse discurso. Sendo concebida como uma perversão, um pecado “contra a natureza”, se distinguiu, particularmente, das regras de aliança, uma vez que transgredia todas as regras de normalidade, inclusive jurídicas. Dessa forma,

Leis naturais da matrimonialidade e regras imanentes da sexualidade – não sem lentidões e equívocos – começam a se inscrever em dois registros distintos. Afigura-se um mundo de perversão, secante em relação ao da infração legal ou moral, não sendo, entretanto, simplesmente uma variedade sua. Surge toda uma gentilha diferente, apesar de alguns parentescos com alguns libertinos. Do final do século XVIII até o nosso, eles correm através dos interstícios da sociedade perseguidos pelas leis, mas nem sempre, encerrados freqüentemente nas prisões, talvez doentes, mas vítimas escandalosas e perigosas presas de um estranho mal que traz também o nome de “vício” e, às vezes, de “delito” (FOUCAULT, 2007, p. 47).

O que até então não passava de um ato passou a ser classificado como doença, desvio e vício. A ciência médica do século XIX constrói o homossexual dentro de uma categoria, determinando-o como uma espécie. Ao destacar a questão do homossexualismo como patologia, surge, então, a necessidade de “tratar” esses indivíduos, visto que se tratava de uma doença era necessário, também, oferecer uma cura. Nesse contexto, a literatura trabalhará, influenciada pela ciência, com uma série de distúrbios que se instauraram, durante o período, ligados à sexualidade. Dessa forma, serão representados a loucura, a histeria e o homossexualismo dentro da família, no internato e espaços militares, cujas convenções sociais trataram de analisá-los como o meio onde se desenvolvem determinados vícios.

A esses exemplos, temos, no *corpus* deste trabalho, tais representações nos romances *Bom-Crioulo* e *O Ateneu* que nos apresentam a questão do homossexualismo e do desejo homosocial (SEDGWICK, 1998) em espaços cuja influência, na formação das personagens, nos leva a crer que traduzem o pensamento do homem do século XIX, quando eleva o meio como determinante de uma identidade.

Além da noção que se estabeleceu, um século antes, de que a homossexualidade era um pecado contra a natureza, passível de condenação jurídica, a ciência toma para si o encargo de considerar os indivíduos que “sofrem”

desse mal como doentes, separando-os do convívio social. Entretanto, nos romances que aqui trataremos, o recorte que se tem do homossexualismo é mais contextualizado do ponto de vista de uma formação identitária dentro de um ambiente do ponto de vista da medicina e psiquiatria do século XIX.

Com o século XIX, valores e posturas vitorianas também serão uma constante na visão do homoerotismo e de todas as sexualidades desviantes. A hipocrisia herdada desses valores marcaram indelevelmente o pensamento ocidental acerca das relações homoeróticas. A amizade colegial, por exemplo, quando envolvida de desejo homoerótico, parece camuflada por um amor sublimado aos moldes platônicos que esconde a atração física para forjar a amizade fraterna. Com isso, a amizade entre homens, quando caracterizadamente homoerótica, não só foi repugnada, como, também, altamente condenada com prisão e pena de morte.

Com o desenvolvimento da medicina, a questão jurídica sobre a homossexualidade ganha contornos apaziguadores. Data de fins do século XIX a criação do termo “homossexual” pelo psicólogo Karoly Maria Benkert ou Károly Mária Kertbeny, cuja descrição apresentava um novo tipo de indivíduo dotado de desejo pelo mesmo sexo em detrimento do sexo oposto. Daí considerar-se que o homossexualismo, como se convencionou chamar, ter sido tratado como desvio mental e doença, uma vez que já se havia estabelecido o padrão de normalidade através dos conceitos de “natural” em relação à atividade heterossexual. Junto a isso, a medicina e a psiquiatria tomarão de empréstimo as teorias da época em relação à eugenia, cujas prerrogativas levaram muitas pessoas consideradas “desviadas” ou “anormais” a serem punidas com “medidas de segurança e higienização”, utilizando-se de métodos como a castração, posto que para uma higienização da sociedade esses indivíduos indesejáveis não deveriam procriar.

A questão da homossexualidade ou homossexualismo (termo próprio da medicina do século XIX) toma contornos, agora, patológicos e que, de alguma forma, parece isentar os praticantes da “sodomia” de seus “crimes”, pelo menos parcialmente. Sendo o sujeito homossexual uma pessoa doente, acometido de um mal hereditário ou genético, deverá ser tratado pelo médico ou psiquiatra que utilizará os meios e métodos da ciência de então para curá-los dessa nova doença. Não obstante, os problemas relacionados à sexualidade foram para a ciência um campo de estudos cujo interesse não se voltava apenas para a relação homossexual. Como veremos adiante, a literatura representou esse momento trazendo para o palco ficcional uma série de distúrbios da sexualidade associados à histeria, à loucura e, também, ao comportamento do indivíduo que se constrói no meio onde está inserido. É nesse contexto que o discurso religioso acerca do homossexualismo perde um pouco do *status* de verdade para ceder ao discurso médico acerca dos prazeres, discurso esse que estava sustentado pelo bastão da ciência, embora nunca dissociado do patriarcado e do discurso hegemônico heterossexual, mas, agora, científico e comprovável pelo ritual da confissão, conforme observou Foucault (2007, p. 73):

Nesse momento os prazeres mais singulares eram solicitados a sustentar um discurso de verdade sobre si mesmos, discurso que deveria articular-se não mais àquele que fala do pecado e da salvação, da morte e da eternidade, mas ao que fala do corpo e da vida – o discurso da ciência.

O homossexualismo, no século XIX, ganha contornos de patologia. Agora, surge um sujeito nomeado homossexual e, para o qual, já se tem características próprias. A condição homossexual (bem mais tarde homoerótica) reflete uma série de convenções que perpassam os séculos e culturas. Se levarmos em consideração o período clássico grego e romano chegaremos à conclusão de que a



homossexualidade nunca fora para eles algo de aceitação generalizada. A amizade masculina e as relações de pedagogo/efebo distinguiam-se, acima de tudo, pela construção sócio-cultural dos prazeres e, ainda, por uma relação hierárquica de poder. Ora, não podemos considerar que para aquelas sociedades tal relação fosse considerada homossexual, uma vez que estava fundamentada num princípio cultural de transição do adolescente para a vida adulta. Concluída essa fase, a idéia era que esse mesmo sujeito desse continuidade à tradição sem nenhum problema de conduta. Entretanto, como já vimos anteriormente, a passividade nas relações entre adultos já era matizada por contornos de discriminação, o que nos leva a compreender o pensamento ocidental acerca do homossexualismo e de todos os “desvios” da sexualidade. O século XIX e sua presunção científica não só se convencerá de que o homossexualismo consiste numa patologia, mas também a causa de uma série de problemas acarretados por desvios sexuais:

[...] O acontecimento mais discreto na conduta sexual – acidente ou desvio, déficit ou excesso – é, supostamente, capaz de provocar as conseqüências mais variadas, ao longo de toda a existência; não há doença ou distúrbio para os quais o século XIX não tenha imaginado pelo menos uma parte de etiologia sexual. Dos maus hábitos das crianças às tísicas dos adultos, às apoplexias dos velhos, às doenças nervosas e as degenerescências da raça, a medicina de então teceu toda uma rede de causalidade sexual (FOUCAULT, 2007, p. 75).

É justamente nesse momento que a ciência adota uma metodologia nova para confinar problemas relacionados à sexualidade outrora dominados pelo discurso religioso. Não parece incomum, por exemplo, que, durante a Peste Negra, muitos “bodes expiatórios” fossem apontados como a suposta causa dos castigos “divinos” aos quais foram acometidos na Idade Média. Além dos pecados de heresia, constava na lista dos responsáveis os criminosos que praticavam a sodomia. Se levarmos em consideração esse fato, perceberemos que a ciência não só se utilizou

dessa estratégia como também a normatizou cientificamente como um novo código para justificar seu discurso sobre o sexo, discurso este que esteve durante muito tempo em poder da igreja enquanto instituição detentora da verdade, uma vez que

[...] a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas. O que significa, inicialmente, que o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão e sim do regime (que aliás, nada mais é do que sua transposição) do normal e do patológico; define-se, pela primeira vez, uma morbidez própria do sexual; o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma nosografia própria, a do instinto, das tendências, das imagens, do prazer e da conduta. O que quer dizer, também, que a confissão ganhará sentido e se tornará necessária entre as intervenções médicas [...] A verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável (FOUCAULT, 2007, p. 76-77).

Portanto, o discurso médico-científico acerca do “homossexualismo” será o mesmo acerca de todas as sexualidades desviantes, embora, com o agravante de *esta* ser passível de condenação jurídica e de ferir uma construção social chamada de heterossexualidade.

A condenação dos sujeitos marcados por essa classificação não só fora representada pela história como também pela literatura, que não se furtou do discurso médico-científico para inscrever o “real” no âmbito ficcional. O *gay* – como hoje preferimos chamar – teve sua representação, no momento naturalista, cerceada pela condição de doente ou viciado por uma influência do meio social ao qual estava inserido. E esses “lugares”, espaços ou meios ficarão bem demarcados, nesta pesquisa, como campo de investigação, uma vez que o autor naturalista era, para além de “criador”, um pesquisador em nome da ciência ou influenciado por ela. O internato e a instituição militar parece um bom campo de pesquisa para justificar tanto a influência corruptora dos vícios como também para problematizar padrões petrificados acerca das sexualidades desviantes.

### **1.3 Adolfo Caminha e Raul Pompéia: algumas considerações acerca do romance naturalista**

Partindo da tendência literária que surgira do Realismo, na segunda metade do século XIX, o Naturalismo, este capítulo se objetiva a analisar as tendências literárias que influenciaram esse período no Brasil.

A noção de espaço, neste trabalho, é, para além de um componente narrativo, o próprio local onde se desenvolve os romances; neste caso, o espaço reflete algumas instituições “fechadas”, como a Marinha Real e o Internato. Dentro desses espaços de convivência exclusivamente masculina concebemos o conceito de “homossociabilidade” como as relações sociais entre pessoas do mesmo sexo num contexto de rivalidade ou mesmo de desejo homoerótico, de acordo com o conceito de Eve Kosofsky Sedgwick (1998).

Concebendo, então, como principal eixo temático “espaço e homossociabilidade”, ainda se objetiva estudar alguns “locais” dentro de um ponto de vista dos estudos gays onde o contexto do homoerotismo parece preponderante desde o Naturalismo, do ponto de vista ideológico, seguindo os pressupostos foucaultianos acerca das estruturas do poder em instituições “fechadas” – nesse caso, uma instituição militar e um internato - cujos sujeitos parecem refletir uma “vontade de saber” sobre suas sexualidades, transgredindo, assim, os padrões de uma época, todavia, sem esquecer que as personagens dos romances não são completamente autônomas, mas, muitas vezes, “cobaias” do autor naturalista.

As correntes estéticas trazidas da Europa, vinculadas à ciência, à filosofia e à nova maneira de produzir literatura, serão justificadas sobremaneira no devir literário brasileiro durante a segunda metade do século XIX. Precisamente da França, a

escola naturalista brasileira herdará de Émile Zola – escritor de maior representatividade do período – as tendências à representação de temas reais até então negligenciados na produção literária, rompendo, dessa forma, com o Romantismo, dentro da nova ordem estabelecida no bojo das ciências emergentes e do Darwinismo de então.

O Naturalismo traz, para o palco literário, o estabelecimento de um novo padrão de literatura que modifica parte do contexto que o antecedeu, seja na objetivação dos temas, seja na descrição do espaço e da investigação da formação psicológica de suas personagens. Considerando que o sujeito é o reflexo do meio em que vive – numa perspectiva determinista, o momento literário naturalista sustentará, através de correntes filosóficas como o determinismo, a influência do meio social e da hereditariedade, do ponto de vista biológico na formação do sujeito - cujas concepções de realização estão centradas na narração do romance para formação de personagens sombrias e distorcidas (BOSI, 2006, p. 173), confrontando, assim, a realidade dos espaços em que se desenvolvem com as suas próprias tendências a serem justificadas pelo meio social do qual fazem parte.

No palco ficcional desse momento literário, depararemos com uma forte influência de temas – como a homossexualidade – que transgridem a ordem, ou aquilo que se presumia “normal” dentro dos padrões de masculinidade vigentes até então. Veremos nesse contexto literário uma série de personagens e heróis distorcidos pela exaltação da realidade em que vivem, normalmente tendendo para uma condição animalesca dos instintos naturais do homem sob os “olhos vigilantes do poder”, responsáveis pela regulação do desejo. Nesses interstícios, o romance naturalista apresentará em sua esteira personagens marcadamente semelhantes ao homem comum da sociedade que representa. É justamente nesse contexto que a

obra parece se fundir com a realidade que mimetisa. A representação dos vícios será uma notória constante no romance naturalista. A homossexualidade e os conflitos da sexualidade, a masturbação e o desejo sexual serão pontos de extrema representatividade no contexto literário analisado à luz dos estudos de gênero e das relações de poder.

Situando-se num momento em que uma mudança brusca da consciência de classe e ascensão burguesa desconstroem as tendências estéticas “idealizantes” do Romantismo, o naturalismo rompe com os padrões estéticos descortinando a realidade “nua e crua” tanto no contexto da vida pública quanto nas relações da vida íntima de modo a se buscar, através das teorias vigentes, as causas naturais e/ou culturais para o comportamento humano representado através de suas personagens (BOSI, 2006, p. 169).

A reificação do homem está intimamente ligada às teorias que nortearam os escritores naturalistas. Sendo produto do meio em que vive, ele não poderá ter outro destino senão aquele para o qual a hereditariedade e as condições sociais o predestinaram. Muito dessa reflexão poderá ser vista, por exemplo, em *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha, onde a condição de ex-escravo parece estar intrinsecamente ligada aos vícios que o protagonista assumirá na Marinha de guerra com o marinheiro Aleixo, que também é marcado pela realidade de pobreza e fragilidade dentro de um contexto onde a força e a superioridade são pressupostos básicos para sobreviver.

Compreendendo esses dois exemplos, pode-se perceber que nessas obras a questão da evolução e da supremacia racial é bastante presente em Adolfo Caminha, assim como a disposição natural das personagens à homossexualidade, ora pela compreensão de que a conduta moral de Amaro está intimamente ligada às

suas origens, raça e predisposição natural dos “instintos sexuais desviantes”, ora pela passividade com que Aleixo se perfilha à condição de submisso à proteção nos ambientes de exclusivo convívio masculino.

Sendo então uma escrita um tanto “científica”, o autor da obra naturalista constrói a fábula do romance dentro de uma perspectiva muitas vezes imbricada e enviesada pelo conhecimento da medicina, da eugenia e dos aspectos sociais, buscando, nas suas personagens, a verdade que se constrói através do comportamento delas. Ora, se a regra do momento era justamente explicar o comportamento das personagens pelo viés científico, não parece incomum o distanciamento da opinião do senso comum e da intervenção do autor em detrimento do saber científico em que se estabeleceriam os padrões de normalidade e anormalidade.

Tendo como base dos parâmetros do romance naturalista o interesse científico como precursor da realidade de raça, vícios, doenças e criminologia, no romance *Bom-Crioulo* teremos uma ruptura das características que elevaram este período literário no contexto nacional. O Naturalismo convencionado à formação de uma identidade nacional num período de mudanças se apresenta como uma evidência das transformações políticas e sociais por que passavam o Brasil de fins do século XIX. Em *Bom-Crioulo*, haverá uma mudança parcial de enfoque no enredo que se costumou abordar no Naturalismo. Acostumados a apresentar a loucura, a doença dentro do ambiente familiar, caracteristicamente representado pela mulher como em *A carne*, de Júlio Ribeiro; *Hortência*, de Marques de Carvalho ou *O Cromo*, de Horácio de Carvalho, o autor rompe tal lógica trazendo para o palco literário cenários externos ao ambiente familiar, longe do convívio e relação da mulher “louca” e o médico para expor situações até então negligenciadas pelos autores brasileiros.

Adolfo Caminha ao representar uma parcela da realidade ou simplesmente a mimetização do real coloca o leitor frente a episódios que, até então, se presumiam incomuns dentro do ambiente viril da Marinha Real do Brasil. Influenciado pelas teorias raciais em voga durante os fins de século, sua obra, ao passo que trata do tema da homossexualidade, converge para uma aproximação inovadora das representações da condição do homem no meio em que está inserido.

Tendo sido concebido pela crítica de sua época como mera “importação” (SÜSSEKIND, 1984), o Naturalismo brasileiro confronta obras do cenário nacional com grandes escritores europeus que sintetizaram a estética naturalista e, de certa maneira, influenciaram a nossa literatura. Entretanto, sabendo que a cultura nacional reivindica suas características e moldes, não se pode conceber a “importação” dessa estética como simples imitação europeia. No tocante a essa idéia, concordamos com Flora Süssekind (1984), quando diz:

Talvez o que mais faça falta na maior parte das análises feitas até hoje do Naturalismo seja justamente a compreensão que rege a “importação” de idéias. De José Veríssimo e Sílvio Romero no século XIX ao recente José Guilherme Merquior, o que mais se repete são as acusações de “plágio”, “atraso” ou “moda estrangeira”. Sem que se procure perceber as modificações a que se submete quando aproveitado pela cultura brasileira (SÜSSEKIND, 1984, p. 49).

Partindo das idéias de “modificações e aproveitamento pela cultura brasileira” em *Bom-Crioulo*, Adolfo Caminha resvala para um estudo do comportamento humano, do homem, dentro do ambiente militar, levando em consideração questões de raça e submissão, do trabalho explorador e da descrição dos espaços onde tais sujeitos interagem, tornando-se produtos daquele meio.

Numa sociedade recém pós-escravagista sua obra parece se fundir com a realidade, tanto pela própria estética naturalista quanto pela temática abordada. O

“negro” representado pela personagem Amaro se apresenta num contexto em que a reificação do homem pelo trabalho produz uma identidade que se constitui no próprio ambiente em que se está inserido. Certamente, o Naturalismo no Brasil foi influenciado por autores europeus e, de certo modo, pensou-se num plágio de idéias europeizadas. Mas, se levarmos em consideração que a literatura nacional absorveu as idéias naturalistas transoceânicas, imprimindo nelas uma identidade nacional que retratasse a cultura brasileira, logo chegaremos à conclusão de que não houve cópia, mas sim uma assimilação do momento e das idéias estéticas para um novo contexto literário.

Dentro de um momento determinista, no qual a assimilação de raça se apresenta sobremaneira intrincada pelas teorias que classificaram e determinaram o homem pela origem das espécies darwiniana, *Bom-Crioulo* parece nos colocar diante das teorias raciais que influenciaram autores naturalistas do período.

Em sua gênese está determinado que a origem negra de Amaro está intimamente ligada à sua predisposição ao crime e aos “vícios” ligados à sexualidade pervertida. Numa ostentação de tais teorias, podemos perceber no romance uma interação do narrador com o enredo constante de duas vertentes um tanto ambíguas. Ora, ao passo que demonstra a repressão de uma sociedade de preconceitos vitorianos<sup>5</sup> transgride poeticamente alguns desses conceitos ao relatar, sem nenhum pudor, a relação de amor e amizade das personagens Amaro e Aleixo.

Nessa divergência de posições podemos classificar o romance Naturalista inovador dentro de uma cultura onde a questão de raça é de relevância acentuada, uma vez que a escravidão no Brasil serviu não apenas para a construção e enriquecimento do país, mas também para mascarar a licenciosidade de uma

---

<sup>5</sup> Referimo-nos à “Era Vitoriana”, ou seja, ao reinado da rainha Vitória na Inglaterra, cuja repressão sexual foi marcante no século XVIII e XIX.



burguesia, cuja “moral” fundada nos preceitos religiosos não ousava assumir, por isso a necessidade de um “bode expiatório” – nesse caso, o negro – para controlar o poder e manter-se uma conduta pseudo-correta para os padrões vigentes.

Certamente, a questão da homossexualidade na Marinha Real apresentada por Adolfo Caminha feriu a “virilidade” da sociedade brasileira ao passo que desnudou os trabalhos desumanos e as questões de comportamento e policiamento da sexualidade numa instituição cujos valores sempre foram norteados pelos padrões heterossexuais. Não pretendemos, aqui, nos deter na crítica da época que condenou e preferiu “jogar no lixo” a obra de Caminha, mas mostrar a condição do romance como introdutor de uma nova temática dentro do contexto naturalista, baseada nas determinações raciais e no controle das sexualidades. Como veremos adiante, esse controle da sexualidade estará tão influentemente presente em *Bom-Crioulo* quanto n’*O Ateneu*, de Raul Pompéia.

Como obra naturalista, a narração de *Bom-Crioulo* representa os espaços, no romance, minuciosamente ao “nu”. Longe da poeticidade e do idealismo romântico, o Naturalismo, nessa obra, é mostrado de um prisma curiosamente verossímil que, de certa forma, leva o leitor a compreender a condição psicológica das personagens que irão se apresentar no desenvolver do romance. Tais descrições parecem colocar o enredo dentro de uma perspectiva “escura” e de uma profundidade psicologicamente tensa, como podemos ver no trecho abaixo:

A velha e gloriosa corveta – que pena! – já nem sequer lembrava o mesmo navio de outrora, sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como uma galera, branca e leve no mar alto, grimando serena o corcovo das ondas!... Estava outra, muito outra com o seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de “patescaria”. Vista de longe, na infinita extensão azul, dir-se-ia, agora, a sombra fantástica de um barco aventureiro. Toda ela mudada, a velha carcaça flutuante, desde a brancura límpida e triunfal das velas te à primitiva pintura do bojo (CAMINHA, 2007, p. 13).

A descrição espacial feita pelo narrador não é determinante para se compreender o enredo e temática de que tratará o romance. No entanto, parece um indício de que o desenrolar de suas páginas estão embasadas numa condição de pouca luminosidade, ou de que o desenvolvimento psicológico das personagens será fortemente influenciado pela neblina com que descreve o espaço onde estão inseridas. De fato, com o desenrolar da fábula, chegaremos à história de duas personagens cujos destinos se encontraram ali, naquele espaço, trazendo no bojo de suas vidas a condição de uma possível tendência à perversão, de um ponto de vista determinista.

Ao passo que Amaro – escravo fugido – encontra sua liberdade na Marinha Real do Brasil, ele perde esta por consequência da disciplina que rege o espaço militar cuja ideologia de liberdade parece antagonizar com os preceitos de igualdade e, mesmo, de ser livre. A sua fama de “Bom-Crioulo” nos coloca diante de determinadas qualidades e características que não pareciam comuns a pessoas como ele. Fica claro, no romance, que tais adjetivos soam apenas como uma indução à subserviência e demonstração de obediência e força física subrepticiamente à sua transgressão, em contraposição com as características que lhe são intrínsecas dada à sua origem racial.

Concebido como “selvagem”, o negro é compreendido pelos instintos subumanos que forjaram uma superioridade racial branca e europeizada. Rompido o laço ou o simulacro com que se pretendia rotular ou identificar o negro, Amaro se destaca dentro daquele contexto por sua postura e força física a serviço da supremacia branca. Todavia, não seria possível mudar o rumo da história e das convicções que nortearam o período naturalista transformando o negro em herói.

Daí a influência determinista de que a origem, o meio e a raça seriam os fatores determinantes para a formação do homem e de sua conduta moral.

Retomando o Naturalismo como uma nova produção literária cujos moldes pareciam “importados” da Europa, compreendemos, a partir de *Bom-Crioulo*, que o que sucedeu na Literatura Brasileira da época não foi simplesmente a mimese ou plágio do Naturalismo europeu, visto que as representações no nosso romance resvalaram para a síntese das tensões interculturais e transoceânicas e que se refletiram também no Brasil de fins do século XIX, conforme analisou Flora Süssekind:

[...] analisar o naturalismo brasileiro, bem mais amplo que a moda do século passado, unicamente em função de tais débitos, daria no mesmo que explicar as atitudes de alguém apenas como “reflexos” da hereditariedade familiar ou da imitação a algum mestre. Seria o mesmo que encarar o discurso literário somente como representação, e não como produção. Seria o mesmo que negar-lhe, principalmente quando se reveste de caráter ideológico como caso da estética naturalista, qualquer historicidade própria, qualquer possibilidade de transformação que não seja reflexa (SÜSSEKIND, 1984, p. 60).

Pensar o Naturalismo brasileiro como simples reflexo das tendências européias seria dar a ele um caráter apenas imitativo do modelo europeu. Entretanto, reavaliando as tendências, a cultura e o foco narrativo do romance brasileiro nesta fase, percebe-se que não há, simplesmente, um “reflexo” desse Naturalismo e sim a configuração de um momento decisivo na construção da identidade de uma nação cujos valores literários estavam intrinsecamente vinculados ao modelo europeu. Seguindo a esteira de Süssekind (1984), concordamos que antes de imitação, o Naturalismo brasileiro é uma recriação e transformação dos moldes que o estabeleceram.

Tomando o romance de Adolfo Caminha – parte desta pesquisa – percebemos que a intenção do narrador é, além de enfatizar a homossexualidade,

representar o espaço de forma a levar o leitor a uma participação naquele evento narrativo. Nesse caso, ficção se mistura com realidade pelo teor documentário de que se reveste a obra. Talvez, muito mais presente em outros romances do período, o romance naturalista representou a fusão de texto literário com o ensaio científico dado o caráter descritivo e plástico com que fundamentou questões médicas e sociais, como n' *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, cuja descrição estava voltada para o conhecimento das mazelas sociais que revestiam os espaços onde o homem se transforma naquilo que o meio determina. Em *Bom-Crioulo*, as vertentes deterministas e as teorias da evolução serão mais relevantes, uma vez que a raça será colocada em voga para o entendimento dos “desvios” e tendências ao crime.

Seguindo, ainda, a esteira naturalista, temos como representação de espaços “fechados” o internato, na obra de Raul Pompéia, *O Ateneu*, na qual a descrição espacial revela uma espécie de patologia comportamental de um ponto de vista psicológico no desencadear da obra. No romance de Pompéia, muito do que se apresenta parece diferenciar a obra em relação a outros romances naturalistas. Dentro de uma perspectiva repressiva, a personagem é encorajada a enfrentar a vida – neste caso, todas as mazelas da vida social no colégio – sozinha.

Com exortações do tipo “Vais encontrar o mundo” e “Coragem para a luta” (POMPÉIA, 2007, p. 13), o narrador-personagem inicia uma nova fase de sua existência dentro do colégio que será o palco da representação da realidade que parece denunciar o sistema educacional do internato de fins do século XIX. Tendo como fundamentos os pressupostos do Naturalismo, a obra enfoca as perversões, dilemas e repressão das personagens deste romance. Num tom memorialista e de teor moralista (BOSI, 2006), Raul Pompéia reveste sua obra da plasticidade de imagens que refletem um retrato psicológico do adolescente em processo de

formação num contexto mórbido e repressor com que se representa nos espaços homosociais.

Tendo sido concebido pela crítica da época como um romance autobiográfico (BOSI, 2006), *O Ateneu* rendeu ao seu autor uma série de problemas relacionados à sua vida pessoal, o que colocou em dúvida a sua sexualidade na adolescência. De sua personalidade angustiada refletiram uma série de dilemas com a crítica como ficou patente no duelo com Olavo Bilac e o posterior suicídio do autor. Entretanto, deixando para trás essas questões, visto que o que nos interessa é o próprio romance, recolheremos da obra aquilo que nos parece fundamental para esta pesquisa: as relações homosociais dentro dos espaços exclusivamente masculinos que serão mais bem apresentadas no último capítulo deste trabalho.

Na síntese da condição da personagem Sérgio, dentro do internato, o que fica mais marcadamente impresso é a ruptura da vida familiar. Com a separação do aconchego do lar, o que sobra é a dureza do internato com suas teias de separação entre “fortes e fracos”, dos “protetores e protegidos”. O desnudamento da realidade feita pelo narrador-personagem nos leva a constatar na obra uma fundição entre ficção e realidade típica da prosa do momento literário de fins do século XIX. Assim como em *Bom-Crioulo*, *O Ateneu* revela uma predisposição para a denúncia da realidade trazendo, assim, o romance para a representação documentária, como já afirmou Flora Süssekind (1984).

Segundo a descrição da primeira impressão no internato, o narrador parece conduzir o leitor a um impressionismo das imagens de uma plasticidade pomposa e, ao mesmo tempo, sórdida do colégio. Com a imagem de Aristarco, o narrador-personagem parece personificar a imagem da rigidez e do controle que normatiza a vida no colégio como reflexo do mundo externo e que seleciona, de um ponto de

vista evolucionista, as “espécies” ali como cobaias de um sistema maior, como percebeu Alfredo Bosi:

Se, na teia da socialidade, tudo se prende ao prestígio da riqueza, que de fora vem precisar os contornos das diferenças individuais, na vida afetiva, as matrizes dos gestos e das palavras são a *agressividade* e a *libido*. É ler a descrição da fauna que rodeia Sérgio: destruída a fachada que a cerimônia inicial levantara, o menino percebe espantado uma divisão entre fortes e fracos, que a crise pubertária vai colorir de matizes sexuais. As lideranças, já coadas pelo poder da riqueza, se farão por critérios musculares ou etários: os mais rijos, os mais velhos e calejados têm condições de dominar os novatos. “Tudo conspira contra o indefeso” (BOSI, 2006, p. 186).

A simbolização do poder, do controle e dos preceitos morais reveste o romance de Pompéia de uma caracterização naturalista: uma vez que deslinda a realidade, mostra o terror acerca da sexualidade desviante e o castigo como forma imponderável para sua correção. No trecho a seguir, podemos notar na fala de Aristarco a dominação que este exerce, no controle da moral e na preocupação com que o tema é tratado:

[...] “Ah! Mas eu sou tremendo quando esta desgraça nos escandaliza. Não! Estejam tranquilos os pais! No *Ateneu*, a imoralidade não existe! Velo pela candura das crianças, como se fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas! O *Ateneu* é um colégio moralizado! E eu aviso muito a tempo... Eu tenho um código...” Neste ponto o diretor levantou-se de um salto e mostrou um grande quadro à parede. “Aqui está o nosso código. Leiam! Todas as culpas são prevenidas, uma pena para cada hipótese: o caso da imoralidade não está lá. O parricídio não figurava na lei grega. Aqui não está a imoralidade. Se a desgraça ocorre, a justiça é o meu terror e a lei é o meu arbítrio! [...] (POMPÉIA, 2007, p. 30-31)

Como se pode perceber, a questão sexual transcende a naturalidade adolescente com seus conflitos e desejos para desembocar numa condição de extremo desvio das normas estabelecidas pela sociedade patriarcal. Sendo o colégio um microcosmo que mimetiza a realidade das personagens, as relações “entre iguais”

parecem inevitáveis, uma vez que o espaço se restringe a garotos do sexo masculino. Entretanto, o que vai se apresentar como fator preponderante é o controle dessas sexualidades representado pela figura de Aristarco.

Dentro dessas perspectivas podemos conceber que a representação, nesses romances, reflete uma pré-condição caracteristicamente determinista na formação do homem dentro do espaço do qual faz parte. Segundo as teorias deterministas, o homem é produto do meio e este meio será o laboratório que testará sua força e disposição no convívio social. Assim, raça, força física, hereditariedade e posição social serão determinantes para a formação da identidade desses sujeitos.

Concebendo que o momento naturalista promoveu uma ruptura com as atitudes ilusórias e idealistas que o antecederam no palco literário ocidental temos, então, o bastião da ciência como método de fruição. Seguindo esse ponto de vista, percebemos que o romance naturalista se dispõe a representar a realidade não apenas como descrição do real, mas com propriedades do cientista, do observador como propôs Zola. Nesse momento é compreensível que não só Adolfo Caminha como Raul Pompéia narrem sobre espaços onde os mesmos conviveram e deles sabem dar conta. Não descartamos, ou melhor, não pretendemos dar uma conceituação de que os romances em tela são/estão condicionados à convivência dos respectivos autores e representam uma “intenção” premeditada de narrar fatos de um passado. Sabemos que a criação literária está fundada na mimese, imitação do real conforme foi conceituado n’*A poética* de Aristóteles, entretanto não se desvincula da arte de ficção que pretende representar o mundo, o real.

É, pois, seguindo essa linha de pensamento que o Naturalismo parece se distinguir de outros momentos literários. Seu compromisso com o real, o cotidiano, a ciência e as mazelas sociais dentro de ambientes urbanos, familiares, instituições

militares e escolares, como no caso do *corpus* desta pesquisa, representa uma condição do homem num estágio social, talvez, nunca antes representado. Dessa forma, o autor se confronta com a observação dos espaços e das supostas “predisposições” de suas personagens – como entidades reais – no meio em que se relacionam. Assim,

Com o romance naturalista, o romance de observação e de análise, as condições humanas mudam inteiramente. [...] Os fatos só estão lá como desenvolvimentos lógicos das personagens. O grande negócio é colocar em pé pessoas vivas, representando diante dos leitores a comédia humana com a maior naturalidade possível. Todos os esforços do escritor tendem a ocultar o imaginário sob o real (COELHO, 1995, apud BULHÕES, 2003, p. 106).

De acordo com essa “nova ordem”, o romance tem, antes de tudo, a obrigação de levar o leitor para uma leitura do real, “dissecando” personagens que fazem parte do mundo real como podemos visualizar em *Bom-Crioulo*, por exemplo. Não se trata mais de representar um herói ou uma personagem do mundo real dentro da ficção literária, mas sim algo possível dentro de um contexto sócio-histórico comprovável em situações que acontecem dentro de espaços existentes na sociedade, como na instituição militar no romance de Caminha e no internato em Pompéia. Conforme a transparência com que o Naturalismo representou a realidade em detrimento do imaginário, torna-se imperativo concordar com Flora Süssekind, quando confirma o pensamento de Plínio Augusto Coelho:

A eficiência de um texto naturalista poderia ser medida, portanto, pela maior habilidade em esconder o seu caráter literário e adquirir, aos olhos do leitor, a materialidade do visível, do “real”. Em passar de ficção a registro, informação, certeza. De representação a reduplicação fotográfica da realidade De texto a imagem documental. Passagem viabilizada fundamentalmente pela adoção de uma *estética do visível*, de uma *lógica da analogia*, da correspondência à racionalidade científica e a uma concepção unívoca e “defensiva” da nacionalidade (SÜSSEKIND, 1984, p. 110).



O momento em que se estabelecem as obras das quais tratamos exige tanto do escritor quanto dos seus leitores uma dialética entre a obra literária e a influência da ciência. Ora, se considerarmos que o erotismo em fins do século XIX exerceu grande relevância para a ciência e literatura, chegaremos à conclusão de que a homossexualidade não foi um dos quesitos abordados, dessa forma, em outro contexto histórico que antecederia essa época.

Em *Bom-crioulo* e *O Ateneu* a representação do homossexualismo se torna patente para além de outros aspectos internos. É dos incômodos sociais que seus narradores tratarão, mesmo que mesquem o discurso do desejo homoerótico com o discurso científico predominante naquele contexto. Ainda que o discurso sobre a homossexualidade tenha sido carregado de preconceito e discriminação do ponto de vista científico, o sexo e sua sistematização foram, sobremaneira, falados e discutidos. Podemos afirmar, como fez Foucault, que o século XIX foi responsável pela disseminação dos discursos sobre o sexo e a sexualidade para além da repressão do desejo sexual. Procede-se, assim, uma “vontade de saber” acerca do sexo e dos desejos desviantes – nesse caso, o homossexualismo – sobretudo numa perspectiva científica, mas sem desleixar o desejo homoerótico nas narrativas que os representaram.

## **2 Representação do desejo e da transgressão homoerótica nos romances em estudo**

### **2.1 Desejo e transgressão: representação do homoerotismo em *Bom-crioulo***

Um dos pontos estruturantes que analisamos, neste momento, na obra naturalista, precisamente no romance em estudo, consiste na representação de identidades transgressoras do ponto de vista dos padrões vigentes de fins do século XIX. Concordando com Hall (2001), o que se presumia de um sujeito com uma identidade determinada desde o seu nascimento – sujeito do Iluminismo – o século XIX irá desconstruir a noção de cristalização dessa identidade, dando lugar ao que se chamaria “sujeito sociológico”, cuja identidade é construída no meio social em que se situa ou, simplesmente, adquirida como condição do espaço em que se insere. Dessa forma, parece-nos pertinente analisar tais questões nas obras – corpus desta pesquisa – para podermos compreender de um ponto de vista literário, a representação do desejo homoerótico e as condições que elevaram as personagens à transgressão dos padrões heteronormativos.

Em *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, temos a representação de um espaço onde as relações de poder se estabelecem de maneira vertical. Nesse contexto, o homoerotismo se apresenta como ponto estruturante do romance, uma vez que as personagens principais, Amaro e Aleixo, constroem uma identidade provisória, fundada no convívio social em que estão inseridos, de um ponto de vista naturalista.

Analisando a questão das relações que se desencadearão durante o romance – sobretudo a relação entre Amaro e Aleixo, podemos perceber, na fala do narrador, precisamente na descrição que este faz da corveta, um prelúdio dos acontecimentos que se desenvolverão durante o percurso literário ali investido:

[...] ela aí vinha – esquife agourento – singrando águas da pátria, quase lúgubre na sua marcha vagarosa; ela aí vinha, não como uma enorme garça branca flechando a líquida planície, mas lenta, pesada, como se fora um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar... (CAMINHA, 2007, p. 13).

Partindo de uma exegese do texto literário, parece-nos, a este tempo, que a fala do narrador expressa, sub-repticiamente, a premonição dos fatos que ali irão ocorrer. O “grande morcego apocalíptico” traduz uma espécie de profecia do final trágico da relação homoerótica das personagens que não deixa, também, de ser o resultado daqueles que transgridem a ordem vigente no que concerne às sexualidades.

Ainda no início do romance, nos deparamos com uma cena que confere uma base teórica consistente para a análise que propomos. Trata-se do momento em que a tripulação do navio está reunida em fileiras a espera do comandante. Nesta representação, temos uma visão do poder cuja representatividade está patentemente conferida a um homem que decide e normatiza a vida naquele contexto. A simples presença do “poder”, representada pelo comandante da corveta, exerce naquelas personagens uma perspectiva de respeito, medo e submissão. Sabe-se que naquele momento todas as transgressões serão punidas e o castigo será implacável, sobretudo quando o “crime” é “contra a natureza”. Diante do “poder”, a lógica que se estabelece naqueles atores reflete a quase subserviência, o

medo e o controle de que tratou Foucault (2007), como podemos perceber no trecho:

Silêncio absoluto nas fileiras da marinhagem. Cada olhar tinha um brilho especial de indiscreta curiosidade. Um frêmito de instintiva covardia, como uma corrente elétrica, vinha à face de toda aquela gente abespinhada ali assim perante um só homem, cuja palavra trazia sempre o cunho áspero da disciplina. Era um respeito profundo chegando às raias da subserviência animal que se agacha para receber o castigo, justo ou injusto, seja ele qual for (CAMINHA, 2007, p. 16).

Entre os presos que iriam ser castigados durante aquele evento, o narrador destaca apenas dois: Herculano e Amaro. Ora, parece que o crime pelo qual estes foram julgados e castigados infringem um código da sexualidade e daquilo que se chamou “lesa-natureza”. No caso do grumete Herculano, o castigo recebido não constava no código militar. Acusado de praticar a masturbação, esta personagem transgride os padrões estabelecidos pelo patriarcado e pela ciência de então “[...] derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem” (CAMINHA, 2007, p. 9). Levando em consideração que o desperdício do sêmen remete a personagem ao pressuposto de que o sexo só servia para a procriação, compreendemos a sua punição como “medida preventiva” no controle das sexualidades, uma vez que todas as atividades sexuais que transgredissem tal pressuposto eram passíveis de castigo, ainda no fim do século XIX.

A vigilância com a qual se mantinha as instituições masculinas, como a Marinha Real, no romance, tinha que dar conta de todos os atos que ali se desenvolvessem, mantendo a ordem e o controle dos corpos. O fato de Amaro “proteger” Aleixo e por ele brigar no navio já é um indício de que o desejo homoerótico daquele transgride os papéis heteronormativos. Mesmo que o amor homoerótico de Amaro por Aleixo não se apresente, de início, como o motivo para a sua punição, é por culpa *dele* que aquele sofrerá a pena cabível. Nessa perspectiva, temos um discurso sub-reptício

de que o castigo infligido a Amaro não é apenas o resultado de ter entrado em uma confusão com um “segunda-classe”, conforme relata o narrador, mas por transgredir as normas da masculinidade e submeter-se ao desejo homoerótico por Aleixo:

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapiedadamente um segunda-classe, porque este ousara, “sem o seu consentimento”, maltratar o grumete, Aleixo, um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “coisas” (CAMINHA, 2007, p. 22).

A prova de que o zelo pelo grumete é verdadeiro consiste em protegê-lo. Para Amaro, a representação do desejo homoerótico vai além das disposições “naturais” da masculinidade. O desejo por Aleixo parece colocar Amaro numa posição homem-efebo na qual este sente a necessidade de protegê-lo e amá-lo, incondicionalmente, como a uma mulher. Ora, no discurso que se dissemina na narrativa, a relação entre as duas personagens se identifica com o “amor entre iguais” da cultura grega imbuído, todavia, do discurso científico e das perversões. Neste instante, Amaro recebe o castigo satisfeito, mostrando “[...] ainda uma vez que era homem...” (CAMINHA, 2007, p. 23).

Sua atitude de passividade quanto às normas estão aquém da transgressão da sexualidade. Ao passo que Amaro infringe os códigos do controle sexual, mantém a obediência dos corpos imposta pela rigorosa disciplina. Mostrar que era “ainda homem” concerne com a disciplina, mas demonstra, por outro lado, que a ideologia de obediência em espaços de rígidos controles sobrepõem-se às transgressões, posto que a personagem recebe o castigo passivamente, sem questionamentos ou explicações, o que nos faz concordar com Foucault em *Vigiar e Punir* (1987) quando diz que

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 1999, p. 119).

Mesmo tendo uma identidade transgressora em termos de desejos homoeróticos, Amaro deixa transparecer a influência da disciplina no controle e regulamentação de sua convivência na corveta. Ao passo que já transparece a desconfiança de sua amizade com Aleixo, a narrativa não nos dá pistas de que o desejo homoerótico supera a disciplina e o controle. Mesmo concordando com o desejo pelo grumete, Amaro não se permite ouvir os comentários formulados pela população da corveta “– Não lho dissessem na cara, porque então o negócio era feio...” (CAMINHA, 2007, p 30). Tal comportamento da personagem faz-nos refletir sobre o poder com que a disciplina e o controle dos corpos agem dentro dessas instituições masculinas: ao passo que o desejo e o homoerotismo entram no palco das representações, o regime e o cuidado com a propagação desses comportamentos se apresentam como medidas de segurança, visando à obediência e sujeição desses “corpos” às normas heterossexuais. Amaro, de acordo com essa ótica, sublinha os pontos de ordem e normatização quando impõe, através da força, a sua masculinidade e virilidade, mesmo transgredindo tais regras e apresentando um “corpo desejante” cujo objeto de desejo é um *outro* igual.

É interessante perceber que ao mesmo tempo em que o narrador se coloca a serviço da ciência e do pensamento patriarcal, ele coloca em xeque os postulados dos quais a ciência e o poder dominante (heterossexual) se valem para se estender

em uma narração compreensivamente natural das afeições entre duas pessoas do mesmo sexo, longe de quaisquer preconceitos:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar pela primeira vez com o grumetezinho (CAMINHA, 2007, p. 30).

Em sua fala, o narrador coloca a atração de Amaro por Aleixo dentro dos moldes naturais cujas definições não deixam de fazer menção à ciência e ao desejo como instinto natural do macho. No entanto, a relação que se desenvolverá no romance não trata de duas *espécies* de sexos contrários, e isso parece deduzir um pouco do que se convencionou como o comportamento nas relações homoeróticas Greco-romanas, nas quais o desejo de penetrar, possuir o outro era não só convencional como perfeitamente tolerável. Claro que não fica explícito no romance tal tendência – ou convivência – do narrador em destacar a naturalidade dos fatos, mas torna possível uma leitura de que mesmo sendo – a homossexualidade – antinatural, naquele contexto – do ponto de vista religioso, científico e jurídico –, o desejo homoerótico parte das bases naturais do homem enquanto animal e converge para uma possível análise psicanalítica, visto que:

*A investigação psicanalítica opõe-se com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular. Ao estudar outras excitações sexuais além das que se exprimem de maneira manifesta, ela constata que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumaram no inconsciente. [...] A psicanálise considera, antes, que a independência da escolha objetual em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos, tal como observada na infância, nas condições primitivas e nas épocas pré-históricas, e a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou noutro [...] No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é*

também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível *que se possa atribuir a uma atração de base química* (grifos do autor) (FREUD apud VALE, 2006, p. 157).

Ainda resvalando para a duplicidade do conceito de “natural” no romance de Caminha, parece-nos muito pertinente a análise de Barcellos, quando diz que:

Convém ainda atentar para a ambigüidade do conceito de natureza no texto de Caminha: o homoerotismo é simultaneamente “contra a natureza e imposto por ela. No primeiro caso, temos o discurso filosófico, jurídico e até teológico da tradição; no segundo, o discurso científico, moderno para a época. Entre ambos, o naturalismo de Caminha não consegue resolver os próprios problemas éticos que levanta (BARCELLOS, 2000, p. 121).

O desejo de Amaro por Aleixo transcende os limites da homossexualidade até então desconhecida do primeiro. Em toda sua vida Amaro não se reconheceria *gay*. Desde que recorda o passado, não concebe qualquer atração pelo sexo oposto que desencadeasse em seu corpo o desejo sexual que sentia pelo grumete. Em sua memória ele retoma apenas duas experiências heterossexuais cujos resultados não lhe foram satisfatórios. O encontro com Aleixo permite a Amaro conhecer uma condição que não lhe parecia intrínseca, mas que agora é, indubitavelmente, a realização do desejo como *objeto* escolhido. Fica claro no romance que o desejo pelo outro não acontece sem prejuízos para Amaro. Concebendo uma identidade construída naquele meio ou mesmo uma escolha objetal inconsciente, a ruptura com os padrões heteronormativos estabelecidos pela ordem heterossexual vigente coloca a personagem numa posição-limite entre as normas e a transgressão via desejo. Seguindo uma lógica pós-moderna, poderíamos inferir uma fragmentação do sujeito enquanto detentor de uma identidade “líquida” (BAUMAN, 2005), mas evocamos para este momento uma consciência identitária fundada nos pressupostos de uma sociedade marcada pelo poder patriarcal-heterossexual que coloca a personagem numa condição de confissão de sua “perversão”: “E agora,



como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?” (CAMINHA, 2007, p. 34). Os questionamentos da personagem Amaro são reproduzidos através de um discurso cuja fundação se baseia na verdade sobre o sexo (FOUCAULT, 2007) e nas bases da confissão como técnica de uma *scientia sexualis* cuja intenção foi escrutinar o sexo e dele produzir verdades.

Apesar de Amaro refletir o dilema das sexualidades, os questionamentos acerca da verdade de si, de seus desejos por Aleixo, ele atravessa o limiar da verdade estabelecida pela ciência de então para transgredir os padrões sexuais daquele momento. Além de promover um jogo de sedução com Aleixo, ele conserva uma identidade masculinizada de “macho” dentro dos moldes homossociais de proteção e cuidado desvelado ao grumete, entregando o seu “corpo” para que sofra os castigos pelo comportamento “desviante” que agora assumira.

A posição de Amaro não só se ajusta aos moldes gregos de amor aos rapazes (pederastia) como também animaliza o desejo homoerótico do ponto de vista de uma *scientia sexualis*. O confronto entre essas duas representações pode ser percebido nos trechos seguintes, quando Amaro compreende a mudança que provocara no outro:

No fim de alguns dias, Aleixo estava outro e Bom-Crioulo contemplava-o com esse orgulho de mestre que assiste ao desenvolvimento do discípulo. Bom-Crioulo, que já estava em cima, na tolda, assim que o viu naquela pompa, ficou deslumbrado e por um triz esteve fazendo uma asneira. Seu desejo era abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo. – Sim, senhor! Parecia uma menina com aquele traje (CAMINHA, 2007, p. 36).

A leitura do desejo homoerótico em *Bom-Crioulo* faz com que se perceba a influência de questões de pederastia e relações de poder que merecem destaque dentro do contexto do homoerotismo. A contextualização da pederastia grega é, também, além do contexto científico, um ponto que recorta o nível de relacionamento em que estão envolvidos os personagens Amaro e Aleixo. Ora, a personagem Amaro é o retrato das relações pederásticas da era clássica grega numa versão nova em que a raça se contradiz com o perfil clássico, mas mantém as características daquele modelo masculino. O texto de Caminha descreve suas qualidades físicas ao mesmo tempo em que também “disseca” as características da sua cor. Não se pretende, porém, entrar numa discussão sobre raça ou etnia, mas tão-somente fazer uma ponte entre o pensamento do século XIX com a era clássica nos moldes em que a relação homoerótica das personagens se desenvolve. Com esse enfoque, temos em Barcellos (2006) uma visão ampliada do modelo grego adaptado ao naturalismo quando ele diz que:

[...] No que diz respeito aos papéis sexuais, há uma clara definição dos mesmos: trata-se de uma relação pederástica – eco tardio de uma pretensa Antigüidade Greco-romana – nitidamente caracterizada a partir da própria descrição física dos personagens. Bom-Crioulo é inequivocadamente um homem “viril”; para ele, o que está em jogo é simplesmente o objeto de satisfação do seu desejo, que se desloca da mulher para o adolescente, e não sua auto-identificação (BARCELLOS, 2006, p. 120-121).

Amaro é caracterizado como um homem esteticamente “belo” e forte do ponto de vista físico. O desejo que sente por Aleixo se desencadeia, como já se disse antes, desde a primeira vez que viu o garoto. A vontade de possuir, amar e gozar Aleixo é, em Amaro, muito mais forte do que no outro. Poderíamos dizer que Amaro é aquele que se entregará de corpo e alma nessa relação e que Aleixo se deixa levar por uma certa conveniência ou mesmo sincera gratidão, todavia, sem descartar

o desejo. O desejo homoerótico se apresenta como um investimento cujo retorno para Amaro parece não conhecer limites: “Bom-Crioulo estava de folga. Seu espírito não sossegara toda a tarde, ruminando estratégias com que desse batalha definitiva ao grumete, realizando, por fim, o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega” (CAMINHA, 2007, p. 42).

A empreitada de Amaro encontra respaldo nesse momento, quando consegue, via persuasão, o seu intento de possuir o grumete:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa [...] Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios...; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... (CAMINHA, 2007, p. 43).

A partir desse ponto, o desejo homoerótico é internalizado também pela personagem Aleixo que se entrega ao amante passivamente. Fica claro que Aleixo não se entrega a Amaro apenas por uma questão de gratidão como se pode refletir numa leitura superficial. O desejo homoerótico é representado de forma recíproca, ainda que destituídos de uma identidade “fixa” essas duas personagens assumirão para si mesmos a condição de amantes.

Assim como nos pensamentos de Aleixo durante sua “entrega” a Amaro, os sonhos e promessas deste último se concretizarão durante o romance. Chegando ao Rio de Janeiro, Amaro procura, junto com Aleixo, a casa de Dona Carolina, cuja amizade com Amaro já vinha de longas datas. Será nesse espaço – a casa de Carolina – onde se desencadearão os fatos mais trágicos do romance. Carolina

aluga aos dois amantes um “quartinho” no sótão de sua casa, onde os dois poderão viver a relação homoerótica em sua plenitude.

Daí em diante a vida correria muito bem para os dois. Amaro, agora, parecia transformado, longe das bebedeiras e das brigas em que se envolvia. Aleixo, agora cuidado por Amaro, mostrava-se mais diligente com a aparência e o zelo por sua própria imagem. A partir desse momento, a narrativa nos coloca frente aos impulsos sexuais de Amaro que irrompem nos momentos a sós no quarto dos dois. Impulsos esses que desagradam Aleixo:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher à-toa” propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo... (CAMINHA, 2007, p. 55).

Diante desses “excessos” a narrativa nos leva a compreender a noção que se tinha da homossexualidade no século XIX. A perversão, o desejo, contraria toda uma visão vitoriana e científica do corpo como o lugar da ordem e da disciplina. De fato, as conseqüências dos “desvios” da sexualidade colocam em xeque até mesmo o próprio comportamento/reação de Aleixo. Este não reage com a mesma transgressão de Amaro porque, na verdade, mantém sua sexualidade em transição, assumindo uma postura conveniente com cada momento, fator que será representado pela sua relação com Dona Carolina. A reclamação de Aleixo converge para o que se convencionou durante o século XIX, como herança da época vitoriana, acerca de uma normatização através do corpo. Dessa forma,

[...] Ainda que essas normas reiterem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses serão constituídos como sujeitos “abjetos” – aqueles que escapam da norma. Mas, precisamente

por isso, esses sujeitos são socialmente indispensáveis, já que fornecem o limite e a fronteira, isto é, fornecem “o exterior” para os corpos que “materializam a norma”, os corpos que efetivamente “importam” (BUTLER apud LOURO, 2004, p. 44-45).

Observando a “transitoriedade” de Aleixo em relação ao caráter homoerótico, concordamos com a noção de que a personagem, enquanto sujeito influenciado pelo meio social, deve se constituir como produto deste meio, pois, o distanciamento de Amaro abre o espaço para que o grumete seja seduzido por Carolina, cujo desejo também não se furta ao prazer de possuir o garoto. Há, nessa digressão, uma revelação de outra construção identitária na personagem que transpõe a idéia do “deve” e do “é” e que, conforme Bauman (2005),

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Seduzido por Carolina, Aleixo passa a encarar a sua sexualidade de modo flexível e conveniente. Sabendo-se, agora, detentor de duas possibilidades ou modalidades sexuais, esta personagem vislumbra a sua plena satisfação tanto na prática homoerótica quanto heterossexual.

Para Amaro, os dias no navio se passavam tristes e sem descanso. Tendo os oficiais recebido as devidas recomendações sobre seu comportamento violento, quando se embriagava, cuidaram para que se reduzissem suas idas à terra. Tais recomendações e restrições provocavam em Amaro uma melancolia acerca da distância entre ele e Aleixo. Desesperado com a prisão que se tornara o novo navio, Amaro foge para ver Aleixo que não está na casa de Carola. Questionando a

portuguesa sobre o grumete, Amaro passa a prever as possibilidades de perda daquele “objeto” do seu desejo em suas divagações:

[...] “Aquilo” não ia bem... Precisava tomar uma resolução: abandonar o Aleixo, acabar de uma vez, meter-se a bordo, ou então amigar-se aí com uma rapariga de sua cor e viver tranqüilo. Estava emagrecendo à toa, não comia, não tinha descanso, em termos de adoecer, de apanhar uma moléstia, por causa do “senhor Aleixo”. Se ao menos pudesse vê-lo todos os dias, como na corveta...; mas assim, longe um do outro? Não valia a pena, era cair no desfrute... (CAMINHA, 2007, p. 74).

A sensação que Amaro experimenta com a distância entre os dois reflete as condições de se viver uma relação homoerótica dentro de um contexto onde tais relações são passíveis de todo tipo reprovação. A impossibilidade do encontro faz com que esta personagem questione a sua própria identidade quando vê a contingência de se envolver com alguém do sexo oposto, da sua cor. Para Amaro, a solidão, a distância do seu amado, é o motivo pelo qual vem se deteriorando fisicamente, constatando o seu fim próximo.

No entanto, é para se encontrar com Aleixo que Amaro se submete às transgressões, fugas e riscos. Chegando à casa de Carolina, ele não encontra o seu amado. Nesses instantes, sai para a rua e se embriaga, metendo-se em uma confusão com um português, o que lhe custará um castigo ainda pior. E essa mesma impressão ficará marcada em Amaro ao se questionar, frente ao castigo iminente, onde está o seu Aleixo, fazendo dele a causa de todos os seus infortúnios.

O preço pago por Amaro fora, inevitavelmente, inútil. Desta vez, o castigo fora tão pesado que o deixara enfraquecido. O sentimento que o outro agora nutria por Amaro em nada correspondia ao zelo que lhe dedicou. Aleixo “Tinha pena dele, compadecia-se, porque, afinal, devia-lhe favores, mas não o estimava: nunca o estimara!” (CAMINHA, 2007, p. 83). Porém, o sofrimento que Aleixo causa a Bom-

Crioulo, a traição com Carola Bunda e todos os castigos que sofreu não ficarão sem desforra. O assassinato de Aleixo pelas mãos de Amaro representa a condição pela qual o homoerotismo foi encarado nos moldes dos fins do século XIX. A paixão, o desejo e todos os “vícios” são encarados, naquele momento, como impasses e patologias, psicoses e anomalias que, inevitavelmente, concorriam para um final trágico. A impossibilidade de uma relação “normal” entre duas pessoas do mesmo sexo é imposta pelo modelo literário para confirmar os padrões de uma época em que a ciência e o patriarcado marcaram esses sujeitos (homossexuais) como modelos a não existirem.

Amaro é vingado pela traição de Aleixo ao mesmo tempo em que se torna exemplo, na sua degenerescência, do declínio a que são acometidas as pessoas que se permitem viver a homossexualidade e todos os desvios sexuais. Aleixo, ao contrário, deve sofrer a “paga” por transgredir, também, o desejo doentio do outro, por ousar transitar de uma sexualidade a outra provocando os ímpetos assassinos daquele cujo perfil já é marcado pela violência. No dizer de Mendes (2000, p. 189-190), “Seu sacrifício no final do romance é, por um lado, o resultado direto da destruição que opera na vida de Bom-Crioulo; por outro lado, é a solução violenta, típica da narrativa do final do século XIX, para impasses do homossexualismo”.

## **2.2 Desejo latente e homoerotismo n’*O Ateneu***

Ao contrário do que podemos perceber em *Bom-Crioulo*: desejo e transgressão, *O Ateneu* (2007), de Raul Pompéia reflete uma série de questões acerca do homoerotismo de forma velada, latente. Temos, em sua personagem central – também narrador – uma representação do desejo homoerótico

perspectivamente contido e não expressado em moldes explícitos. Levando em consideração que o romance de Pompéia transgride alguns padrões norteadores da moral naquela época, pensamos mais numa delação dos comportamentos dentro do internato do que numa representação de desejos contidos naquele espaço.

A personagem principal do romance e, também, narrador, Sérgio, confronta o desligamento do seu mundo social e familiar quando é enviado ao Ateneu para estudar no regime de internato. Suas impressões acerca daquele espaço representam o pensamento da época no que tange às relações homossexuais e os comportamentos homosociais em instituições masculinas, cujos pressupostos de masculinidade e virilidade sobrepõem-se aos parâmetros de moralidade no bojo das relações entre homens. A presença de contornos homosociais no ambiente escolar interno reflete uma série de questões como poder, disciplina, proteção e desejos sexuais, visto que as personagens se encontram confinadas num espaço onde, muitas vezes, as relações distinguem-se entre fortes e fracos, sendo estes últimos os necessitados de proteção frente às hostilidades próprias dos ambientes homosociais nas instituições completas e austeras (SEDGWICK, 1998; FOUCAULT, 1998, 1999; GOFFMAN, 1987).

A representação do desejo homoerótico na personagem Sérgio conduz-nos a uma leitura velada das relações homoeróticas numa perspectiva teórico-metodológica. Ora, o desejo homoerótico da personagem revela-se latente do ponto de vista desta pesquisa, uma vez que é internalizado por ela, mas não se permite vivenciá-lo de forma explícita e física.

A primeira experiência homossexual de Sérgio, no internato, revela-se diversa do contexto homoerótico de *Bom-Crioulo*. Antes, mesmo, de se relacionar com Sanches, seu protetor, ele é instruído acerca das “amizades” naquele espaço. É



através de algumas advertências de outra personagem, Rebelo, que a personagem Sérgio absorve o modelo de convivência naquele espaço:

“Viu aquele da frente, que gritou calouro? Se eu dissesse o que se conta dele... aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores... Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se.

“Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.” (POMPÉIA, 2007, p. 36).

Os conselhos de Rebelo refletem as posições assumidas dentro ambiente escolar do internato. Os fracos necessitam de protetores contra as hostilidades dos mais fortes. No entanto, o discurso de Rebelo nos leva a compreender que a não admissão de protetores é uma arma contra as relações homossexuais que se desencadeiam dentro do Ateneu e conforma, por sua vez, a construção da masculinidade fundada na homofobia e nos pressupostos de virilidade. Dessa forma, havemos de concordar que a construção da identidade da personagem Sérgio está intrinsecamente ligada aos pressupostos da ideologia da época acerca da condição masculina em detrimento da “feminização”, que, segundo Halperin, é

a indiscriminável rendição da masculinidade em favor da feminilidade, uma condição transgênero expressa em tudo: de comportamentos pessoais, estilos a aparência física, maneiras de sentir, atração sexual para homens “normais”, e preferência por um papel receptivo ou “passivo” no intercuro sexual com homens (HALPERIN apud BALIEIRO, 2008, p. 14).

Certamente, os conselhos de Rebelo provocam em Sérgio certa aversão aos protetores no colégio. Todavia, não serão suficientes para desestabilizar o desejo homoerótico disfarçado em amizade no desencadear do romance.

Podemos observar, através da narrativa, a representação das relações homosociais e da dicotomia forte/fraco através do episódio da piscina em que os menores e mais fracos distanciam-se dos maiores e mais fortes com vistas a não serem machucados ou ultrajados:

Ao primeiro banho, amedrontou-me a desordem movimentada. Procurei o recanto dos menores. Determinava a disciplina a divisão dos banhistas em três turmas, conforme as classes de idade. Mas, o descuido da fiscalização permitia que as turmas se confundissem e o inspetor de serviço, com a varinha destinada aos retardatários, vigiava afastado, de sorte que ficavam expostos os mais fracos aos abusos dos marmanjos que as espadanas d'água acobertavam. Mal tinha eu entrado, senti que duas mãos, no fundo, prendiam-me o tornozelo, o joelho. A um impulso violento caí de costas; a água abafou-me os gritos, cobriu-me a vista. Senti-me arrastado. Num desespero de asfixia, pensei morrer. Sem saber nadar, vi-me abandonado em ponto perigoso; e bracejava à toa, imerso, a desfalecer, quando alguém me amparou. Um grande tomou-me ao ombro e me depôs à borda, estendido, vomitando água. Levei algum tempo para me inteirar do que ocorrera. Esfreguei por fim os olhos e verifiquei que o Sanches me tinha salvo. "Ia afogar-se!" disse ele, amparando-me a cabeça enquanto me desempastava os cabelos de cima dos olhos. Meio aturdido ainda, contei-lhe efusivamente o que me haviam feito. "Perversos!" observou-me o colega com pena, e atribuiu a brutalidade a qualquer peste que fugira no atropelo dos nadadores, desvelando-se em solitudes por tranquilizar-me. Tive depois motivo para crer que o perverso e a peste fora-o ele próprio, na intenção de fazer valer um bom serviço (POMPÉIA, 2007, p. 42).

A partir desse episódio, Sérgio encontra em Sanches um protetor e um apoio nos estudos ao molde grego das relações pederásticas (NAPHY, 2006), com diferenças culturais distintas, claro. Porém, o desejo homoerótico de Sanches por Sérgio não encontra respaldo neste último. O máximo que Sanches obtém de Sérgio é a gratidão por tê-lo salvo do afogamento na piscina. As tentativas daquela personagem em manter uma relação sexual com Sérgio são representadas nas descrições que o próprio narrador-personagem nos apresenta:

Referi que Sanches me provocava uma repugnância de gosma. Depois do caso da natação, o reconhecimento predominou sobre a repulsa e eu admiti as assiduidades com que de então por diante me quis beneficiar o companheiro. Afinal, porém, tornou-me a aparecer o afastamento instintivo que me separava do rapaz.

Descrente da fraternidade do colégio, cuja personificação me representava o Barbalho, eu temia o alvoroço do recreio. Conservar-me na sala das lições era uma medida de prudência. Estes intervalos regulamentares de descanso, aproveitava-os para me adiantar no curso. Pois bem, durante estes momentos de aplicação excepcional em que ficávamos a sós, eu e o grande, definiu-se o fundamento da antipatia pressentida. A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Volvia novamente às expansões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo.

Eu deixava tudo, fingindo-me insensível, com um plano de rompimento em idéia; embargado, todavia, pela falta de coragem. Não havia mal naquelas maneiras amigas; achava-as, simplesmente, despropositadas e importunas, máxime não correspondendo à mais insignificante manifestação da minha parte.

Notei que ele variava de atitude quando um inspetor mostrava a cabeça à entrada da sala, e quando pretendia informar-me de alguma disciplina transcendente. (POMPÉIA, 2007, p. 49-50)

Daí em diante, Sérgio rompe com Sanches para se desvencilhar da proteção que aquele lhe proporcionava, na tentativa de se mostrar independente e forte no ambiente hostil do internato. Apesar de todas as alusões homofóbicas que parecem nortear o romance, a personagem Sérgio se deixa absorver pelas práticas homosociais de convívio no internato e permite-se viver algumas relações afetivas carregadas de um desejo homoerótico latente. Ora, se o discurso dominante condenava as relações homossexuais e o internato refletia a vigilância dos corpos e o controle das sexualidades (FOUCAULT, 1999), havemos de compreender que a possibilidade de se viver uma relação só seria possível no anonimato, muitas vezes maquiada com contornos de amizade e relegadas ao silenciamento, conforme nos mostra Silva (2008):

Os espaços literários habitados por essas personagens são significativamente marcados por traços que ajudam o leitor a construir uma imagem do *desejo gay*. Como os espaços são fechados, escuros; e como as personagens só conseguem, em sua maioria, encontrar o “prazer de viver” longe do contato dos outros, principalmente quando têm que se relacionar com o outro do seu afeto e optam pela vivência do desejo (seja ele sexual ou a cultura gay como um todo), esbarram no confinamento, na habitação de lugares escondidos, sem a presença de amigos e/ou familiares. Essa categoria literária (espaço) demonstra que a questão e experiência gay nas sociedades ocidentais são marcadas pela cultura falocêntrica, machista, patriarcal, cristã e homofóbica, encurralando seus sujeitos *diferentes*, alocando-os nos escombros dos espaços sociais. (SILVA, 2008, p. 36).

Em *O Ateneu*, as relações homoeróticas são, distintamente, apresentadas em moldes de amizade masculina. Depois do rompimento com a personagem Sanches, Sérgio encontra em outro colega, Bento Alves, uma grande amizade carregada de desejo homoerótico e proteção: “estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo...” (POMPÉIA, 2007, p. 96). O desejo de Sérgio por Bento Alves revela a essência de uma identidade gay internalizada pela personagem, pincelada de amizade e contornada de proteção.

Entretanto, o amor de Sérgio por Bento Alves não pode ser pleno, visto que para se fazer valer o código que orienta os espaços fechados e austeros, as relações homosociais não devem transcender os limites da masculinidade que, segundo Sedgwick (1998),

A maioria dos ocidentais com grau pelo menos moderado de escolaridade neste século parecem compartilhar um entendimento similar da definição homossexual, independente de serem gays ou não, homofóbicos ou anti-homofóbicos. Esse entendimento (...) organiza-se em torno de uma incoerência radical e irreduzível. Tem a visão minoritarista de que há uma população diferenciada de pessoas que “são realmente” gays. Ao mesmo tempo, mantém as visões universalizantes de que o desejo sexual é um solvente poderoso e imprevisível de identidades estáveis; de que pessoas e escolhas de objetos aparentemente heterossexuais são fortemente marcadas por influências e desejos em relação ao mesmo sexo, e vice-versa; e de que pelo menos a identidade heterossexual masculina e a cultura masculinista moderna

podem requerer, para sua manutenção e cristalização, como bode expiatório, de um desejo masculino pelo mesmo sexo que é disseminado e, primordialmente, interno (SEDGWICK apud BALIEIRO, 2008, p. 17).

É bem verdade que o desejo gay em Sérgio passa pelos crivos naturalistas e pelas noções de transitoriedade e “influências do meio” como determinantes de uma identidade. Certamente, a narrativa impele o leitor a perceber que as relações que se desencadeiam no internato refletem uma “condição” daqueles atores mais fracos necessitarem de apoio e proteção. No entanto, o que percebemos é que a proteção mascara o desejo homoerótico da personagem Sérgio, uma vez que na relação com Bento Alves há um despojamento dos referenciais heteronormativos, elevando o desejo à categoria de primeira necessidade em detrimento da proteção.

Outra personagem merece destaque no romance: Egbert. Este provoca em Sérgio o amor desinteressado. Em suas duas experiências anteriores com Sanches e Bento Alves havia uma necessidade de proteção, visto que a personagem estava aquém dos componentes físicos que a fizessem um modelo masculino. Em Sanches, pelo menos, havia a proteção contra os mais fortes, a gratidão por tê-lo salvo do afogamento e nos estudos que aquele o ajudava. Bento Alves, apesar de provocar em Sérgio um desejo homoerótico, caracterizadamente, feminino, também estava marcado pela proteção “porque era grande, forte... podia me valer”. Em contrapartida, a relação de Sérgio com Egbert é, completamente, desprovida de tais elementos como proteção, força e necessidades pedagógicas. Nele, Sérgio encontra a verdadeira amizade, o que bem poderíamos interpretar como o verdadeiro amor:

Do Egbert, fui amigo. Sem mais razões, que a simpatia não se argumenta. Fazíamos os temas de colaboração; permutávamos significados, ninguém ficava a dever. Entretanto, eu experimentava a necessidade deleitosa da dedicação. Achava-me forte para querer

bem e mostrar. Queimava-me o ardor inexplicável do desinteresse. Egbert merecia-me ternuras de irmão mais velho.

Tinha o rosto irregular, parecia-me formoso. De origem inglesa, tinha os cabelos castanhos entremeados de louro, uma alteração exótica na pronúncia, olhos azuis de estrias cinzentas, oblíquos, pálpebras negligentes, quase a fechar, que se rasgavam, entretanto, a momentos de conversa, em desenho gracioso e largo.

Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. Tudo que nos pertencia, era comum. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. Era elegante, destro, trabalhador, generoso. Eu admirava-o, desde o coração, até a cor da pele e à correção das formas. Nadava como as toninhas. A água azul fugia-lhe diante em marulho, ou subia-lhe aos ombros banhando de lustre de marfim polido a brancura do corpo. Dizia as lições com calma, dificilmente às vezes, embaraçado por aspirações ansiosas de asfixia. Eu mais o prezava nos acessos doentios da angústia. Sonhava que ele tinha morrido, que deixara bruscamente o Ateneu; o sonho despertava-me em susto, e eu, com alívio, avistava-o tranqüilo, na cama próxima, uma das mãos sob a face, compassando a respiração ciciante. No recreio, éramos inseparáveis, complementares como duas condições recíprocas de existência. Eu lamentava que uma ocorrência terrível não viesse de qualquer modo ameaçar o amigo, para fazer valer a coragem do sacrifício, trocar-me por ele no perigo, perder-me por uma pessoa de quem nada absolutamente desejava. Vinham-me reminiscências dos exemplos históricos de amizade; a comparação pagava bem. (POMPÉIA, 2007, p. 146).

Ao contrário do que ocorreu com Sérgio e Bento Alves, a relação entre aquele e Egbert não foi rotulada de menções homoeróticas. Ora, se para o momento o homossexualismo em “espaços fechados” estava atrelado às relações de poder e binarismos como forte/fraco, a relação de amizade homoafetiva entre eles não poderia vir à tona, visto que entre estes havia uma paridade e não uma dicotomia como nos casos com Sanches e Bento Alves. Seguindo esse raciocínio, podemos compreender o conceito de homossociabilidade formulado por Sedgwick (1998), quando enfoca a relação homossocial carregada de homofobia, muitas vezes, uma vez que para denotar uma relação homoerótica em fins do século XIX, as personagens deveriam apresentar as características dos compassos binários masculino/feminino, forte/fraco que determinariam o teor daquela relação.

A amizade entre essas duas personagens estava pautada num eixo de simetria em que as duas partes se completavam. Não se tinha mais a necessidade

de proteção, e, sendo assim, não se poderia mais levantar o discurso acerca do homossexualismo numa realidade onde o comportamento sexual estava determinado pelas posições verticais que tabulamos anteriormente. Assim, a “feminização” era, apenas, uma característica das relações homossexuais. Aquele que necessitava de proteção identificava-se com o feminino por ser fraco em detrimento daquele que era protetor, o forte, o macho.

Neste capítulo, procuramos apresentar, nos romances em estudo, as representações do homoerotismo como pontos estruturantes das obras. A partir de conceitos como homosociabilidade, poder, forte/fraco, feminização e desejo, buscamos compreender questões que figuram no cerne do momento literário naturalista em fins do século XIX. *Bom-Crioulo* e *O Ateneu* refletem a ordem e a transgressão desta, no momento em que trazem para o palco literário a temática do homossexualismo em instituições fechadas e totais (GOFFMAN, 1987) como reflexo da convivência homosocial num *continuum* forte/fraco carregado de homofobia (SEDGWICK, 1998) e de desejos sexuais que se tornam mecanismos indispensáveis à análise dos romances, oferecem, também, a possibilidade de compreendermos a realidade do momento ficcional com vistas a discutir os papéis desses atores no bojo da cultura ocidental.

### **3 - O espaço homosocial em *Bom-Crioulo* e n' *O Ateneu***

#### **3.1 Espaço físico e ambientação em contexto homoerótico em *Bom-Crioulo***

Tendo como ponto de partida, esta pesquisa, a representação de personagens homoeróticas na literatura, outro aspecto que se apresenta fundamental na análise e desenvolvimento do nosso corpus é a representação de identidades homoeróticas masculinas dentro de um contexto espacial cuja configuração reflete, para além dos aspectos sociológicos, o espaço como componente estético das narrativas. Partindo de considerações teóricas de Bachelard (1993), Dimas (1994), Gancho (1991), Schüller (1989) dentre outros, cujas prerrogativas e teorizações se presumem relevantes para este trabalho, faremos uma análise desse componente narrativo considerando-o, do ponto de vista estético, como elemento substancial na leitura do romance *Bom-Crioulo*, cuja interpretação vai além de uma representação naturalista das descrições espaciais, mas que não se furta, também, desta característica intrínseca ao período literário em que foi escrito.

Além de observarmos o espaço como elemento estético, discutiremos outros aspectos relevantes para o estudo que agora empreendemos como a homosociabilidade e questões relacionadas ao poder dentro de espaços exclusivamente masculinos, neste caso, a Marinha Real no romance. Para tratarmos dessas relações de poder e disputas dentro dos espaços homosociais, teremos como pilares teóricos os estudos de Eve Kosofsky Sedgwick e Michel Foucault e outros teóricos cuja menção se fará durante o trajeto deste capítulo.



Nesse contexto, utilizaremos o conceito de homossociabilidade para compreender o fenômeno literário de um ponto de vista sociológico, que parece elucidar algumas questões de cunho externo ao texto literário, mas que não estão dissociadas, de forma alguma, dos aspectos internos à obra literária.

Homossociabilidade é um conceito utilizado, geralmente, no campo das ciências humanas e da sociologia que compreende a rede de relações sociais entre sujeitos do mesmo sexo. Por sua raiz etimológica, a palavra, em si, faz analogia ao termo homossexualidade e a ele é, ocasionalmente, referida. Entretanto, segundo a formulação de Sedgwick (1998), a rede de relações homossociais compreende tanto os direcionamentos homossexuais quanto os heterossexuais. No convívio homossocial pode haver desde a amizade masculina à homofobia exacerbada. Certamente, nos espaços de virilidade a convivência entre homens é marcada pelo desejo homossocial cuja descrição nos é dada por Sedgwick (1998, s/p) como uma hipotetização do “*continuum* entre o homossexual e o homossocial – um *continuum* cuja visibilidade , para o homem, em nossa sociedade, é radicalmente interrompida”.

Com efeito, o espaço homossocial (masculino) requer, para a sua sustentação, uma esteira de relações que estão aquém das redes homossociais entre as mulheres. Ora, se para o convívio homossocial entre mulheres o afeto é um *continuum* comum a esse sexo – mesmo sem uma matiz homossexual - , entre homens pode estar carregado de homofobia, visto que no segundo caso os aspectos femininos são abjetos à formação do masculino no caso de instituições fechadas (exclusivamente masculinas). Dessa forma, Sedgwick explana o conceito e reflete sobre as questões sociais desses *continuums*:

Por exemplo, a oposição entre o “homossocial” e o “homossexual” parece ser muito menos abrangente e dicotômica para as mulheres, em nossa sociedade, do que para os homens. Neste momento

histórico particular, um continuum inteligível de anseios, emoções e ligações valorativas com outras formas de atenção das mulheres para com outras mulheres: o vínculo entre mãe e filha, por exemplo, o vínculo entre irmãs, a amizade entre mulheres... (SEDGWICK, 1998, s/p).

Em *Bom-Crioulo*, a homosociabilidade é uma característica óbvia, dado ao espaço masculino e às relações de amizade desencadeadas ali. Tais relações homosociais marcam estes espaços numa dialética de poder cujas repercussões se apresentam ora numa ambivalência entre desejo e afetividade, ora em hostilidade ou ódio, para usar os termos de Eve Kosofsky Sedgwick. No romance de Adolfo Caminha, as características do *gay* mostram claramente os requisitos de masculinidade exigidas no espaço militar, representado por Amaro “[...] um lagatão negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada [...]” (CAMINHA, 2007, p. 21). Em contrapartida, a descrição do personagem Aleixo contradiz o modelo de masculinidade estabelecido pelo patriarcado, quando ele se nos apresenta como uma figura dócil e frágil, ainda com quinze anos de idade, e que marcará uma característica do desejo homosocial do homem mais velho pelo garoto nos espaços masculinos, o que retoma a antiguidade grega, quando as relações se estruturavam em linhas de classe, idade e gênero (SEDGWICK, 1998). Todavia, a relação entre Amaro e Aleixo supera tais estruturas em nome da paixão que o Bom-Crioulo tem pelo garoto:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o *desejo* fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. (CAMINHA, 2007, p. 30, grifo meu).

E os pressupostos de homosociabilidade refletem, também, questões de poder em espaços cuja convivência masculina está pautada na virilidade. Em *Bom-Crioulo*, muito dessa característica se apresenta nos “corpos distintos” no convés, possibilitando-nos uma reflexão de que não era apenas um espaço onde a personagem Amaro se refugiara dos “tempos da escravidão”, mas também um ambiente que lhe proporcionava prazer no convívio com os companheiros. Logicamente, o prazer com que convivia naquele espaço não estava dissociado do desejo homoerótico que sentia por Aleixo, mas poderíamos refletir com Sedgwick (1998), um *continuum* da convivência homosocial dentro das relações homoafetivas entre as personagens.

Dessa forma, concebemos que a estrutura do espaço de homosociabilidade no *corpus* em análise reflete e constitui o imaginário *gay* que vê, nestes espaços, além da homofobia, o desejo pelo *igual* numa cultura cujas fantasias estão permeadas pelos ideais de masculinidade e a figura do macho se impõe nas relações homosociais e homossexuais. Como diz Denilson Lopes: “Bem pode ser um herdeiro do marinheiro como fetiche o fascínio por homens fortes, marginais, de classes populares” (LOPES, 2002: p. 127).

O espaço, como componente estético, se apresenta como imprescindível no contexto das narrativas, mesmo que, em alguns momentos, pareça “estar severamente diluído, e por esse motivo, sua importância torna-se secundária” (DIMAS, 1994, p. 6). É bem verdade que, no momento naturalista, a fotografia, o espaço público e privado terá uma representação relevante, visto que como romance de tese ou experimental, ele mostra com muitos detalhes a realidade, dentro de uma perspectiva fictícia que parece levar o leitor a um realismo plástico,

conferindo-lhe, portanto, o *status* de determinante na leitura da narrativa e desenvolvimento do enredo, conforme Dimas (1994).

O espaço, na narrativa, ganha contornos de grande relevância tanto no que tange aos elementos estéticos como, também, nos contextos ideológicos que representa. Segundo Dimas (1994, p. 20), espaço e ambientação distinguem-se em “quadros de significação complexos”, e justifica que, “o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados da realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica”.

Em termos de complexidade dos elementos espaço e ambiente, Gancho (1991) também apresenta uma definição convergente com Dimas (1994) em que o espaço, segundo ela, representa a configuração física e plástica onde ocorrem os fatos da fábula em contraposição ao ambiente cuja definição se restringe às “características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens” Gancho (1991, p. 23).

Em *Bom-Crioulo*, o retrato espacial se apresenta desde o início da narrativa numa fotografia geográfica do mar, da corveta e do quartinho na Rua da Misericórdia, onde se desencadearão os fatos decisivos das vidas das personagens Amaro e Aleixo. Conduzindo o leitor a uma exibição do espaço marítimo, o narrador se utiliza deste elemento – o espaço – para retratar o ambiente solitário da corveta que, em outros tempos, fora de festividades e glória. Considerando que o navio relembra momentos gloriosos de outrora, o narrador provoca no leitor uma imagnetização lúgubre daquele espaço onde já se tivesse vestido glorioso:

A velha e gloriosa corveta — que pena! — já nem sequer lembrava o mesmo navio d’outrora, sugestivamente pitoresco, idealmente festivo,

como uma galera de lenda, branca e leve no mar alto, grimpendo serena o corcovo das ondas!...

Estava outra, muito outra com o seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de “patescaria”. Vista ao longe, na infinita extensão azul, dir-se-ia, agora, a sombra fantástica de um barco aventureiro. Toda ela mudada, a velha carcaça flutuante, desde a brancura límpida e triunfal das velas té à primitiva pintura do bojo.

No entanto ela aí vinha — esquiife agourento — singrando águas da pátria, quase lúgubre na sua marcha vagarosa; ela aí vinha, não já como uma enorme garça branca flechando a líquida planície, mas lenta, pesada, como se fora um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar... (CAMINHA, 2007, 13).

Nesta descrição, a imagem que o narrador nos dá daquele espaço faz-nos refletir acerca de um momento de degradação física pela qual passou a corveta em que tantos homens, entre eles, Amaro, conviviam. Nesse sentido, supomos que tal degradação não se caracteriza, simplesmente, pela ação do tempo, mas conflui para o desenrolar do enredo que naquele momento literário foi a questão do homoerotismo num contexto onde ciência e cientificismo tentariam explicar questões como a homossexualidade atreladas ao meio ao qual conviviam e se identificavam.

O espaço do navio, em *Bom-Crioulo*, parece fornecer pistas para uma análise do contexto homoerótico numa ótica naturalista que dilui o pensamento da ciência e a ambientação em que as personagens vivem. Ora, a descrição feita pelo narrador, em alguns momentos, parece refletir sobre a obscuridade daquele espaço e nos faz inferir que é a partir dessa fotografia que o enredo se consubstancia com espaço. Tal prerrogativa nos aponta a relação homoerótica e o convívio homossocial atrelados à “sujeira”, em seu sentido estrito, e à imundície dos espaços de exclusivo convívio masculino. Em *Bom-Crioulo*, a descrição espacial conforma uma áurea de escuridão, tristeza e solidão com pinceladas de feiúra e podridão que estabelece uma ligação com as relações que se desencadeiam durante o enredo. É claro que, se para aquele momento literário, o homoerotismo se constituía de uma patologia, o ambiente onde tais atores se encontravam deveriam estabelecer uma identidade

com seus atores. É nessa reflexão que Fernandes e Silva (2007) conduzem um estudo dos espaços físicos e desejo gay, onde o desencadeamento das relações homoeróticas estão atreladas idiossincriticamente, revelando uma identidade entre ambiente, espaço e personagens.

Podemos observar, na narrativa do romance em estudo, que tal descrição pretende levar o leitor para o próprio local identitário das personagens. Inicialmente, o navio é o palco de todas as transgressões de Amaro. Este espaço parece apresentar os aspectos que o desejo gay representa para aquele momento:

Imagine-se o porão de um navio mercante carregado de miséria. No intervalo das peças, na meia escuridão dos recôncavos moviam-se corpos seminus, indistintos. Respirava-se um odor nauseabundo de cárcere, um cheiro acre de suor humano diluído em urina e alcatrão. Negros, de boca aberta, roncavam profundamente, contorcendo-se na inconsciência do sono. Viam-se torsos nus abraçando o convés, aspectos indecorosos que a luz evidenciava cruelmente. (CAMINHA, 2007, p. 42).

A partir dessa fotografia, podemos compreender a confluência entre espaço-ambiente. O espaço físico se reveste das condições sociais e íntimas dos atores que ali se encontram, conforme Dimas (1994) e Gancho (1991), somando-se as características desses atores com o espaço físico que os abriga. Dessa maneira, o espaço representa seus aspectos de escuridão, sujeira e os componentes próprios que devem permanecer na escuridão, assim como as relações homoeróticas que nunca devem ultrapassar o limite do “sem-luz”.

Se observarmos que o próprio romance desencadeia uma série de descrições espaciais lúgubres e fétidas, podemos conceber que não só o espaço físico contém tais aspectos, uma vez que eles refletem o ambiente que se cria através das próprias condições das personagens como fulcro ideológico. A relação *gay* entre Amaro e Aleixo é, na verdade, o foco principal da narrativa que utiliza o espaço

como pano de fundo para mostrar, em favor do momento científico, a degradação de homens que convivem à margem do modelo de dignidade e saúde representados pela burguesia heterossexual do Brasil em fins do século XIX.

A consumação do ato homoerótico, no romance, também é marcada pelo elemento espaço-escuridão. Ora, antes mesmo de se consumir “o delito contra a natureza”, Amaro procura o grumete pelos locais mais escuros do navio. Seu comportamento “esgueirando-se” reflete o pensamento que se tinha acerca do homoerotismo naquele momento, pois, a busca pelo desejo gay, no romance, está intrinsecamente ligada à escuridão, ao refúgio e esconderijos, espaços estes que encobrem da luz os atos pérfidos e sensuais para o pensamento científico do século XIX.

Entretanto, após a realização do ato sexual entre as duas personagens, o narrador transporta para outra paisagem a cena anterior, quando apresenta “um belo dia de sol, quente, luminoso, de uma transparência fina de cristal lavado” (CAMINHA, 2007, p. 44), o que nos leva a interpretar tal mudança para uma reflexão de que o amor entre as personagens era passível de ser vivenciado, apesar dos paradigmas de normalidade instituídos pelo padrão heteronormativo.

A partir daí, o narrador nos fornece uma divagação acerca de Amaro cuja demonstração reflete uma descrição dos espaços de belezas naturais do litoral à luz do sol, desvelando para um sentimento de tristeza em que a personagem vê passarem em seus pensamentos o espaço marítimo como propiciador do amor entre ele e Aleixo, e, este mesmo espaço, como ameaçador para a continuação desta relação.

Neste sentido, Bachelard (1993, p. 24) nos fornece uma compreensão do espaço e das dialéticas nele compreendidos quando diz que “... é preciso dizer como

habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’”. E, parece-me que neste momento da narrativa, nasce em Amaro o sentimento de “estar-em”, de fixar-se ali para manter a sua relação homoerótica com Aleixo mesmo sabendo das normas que distinguem o seu desejo gay num espaço de virilidade como era o navio.

Se observarmos que é ali, no navio, que Amaro reconhece a sua identidade gay, seu desejo pelo “outro igual”, compreendemos que tal espaço está, de fato, idiossincraticamente ligado às suas afeições, tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista sociológico, uma vez que a relação homossocial estabelecida ali faz parte de sua própria identidade, mesmo que esta transgrida os padrões de normalidade estabelecidos pelo pensamento daquela época. Concordamos mais uma vez com Bachelard (1993), quando nos diz que o espaço reflete a noção de “casa”, de um local onde os valores traduzem uma proteção do “não-eu” que protege o “eu”. Certamente, a ligação de Amaro e Aleixo não poderia, jamais, vir à claridade, todavia, dentro daquele espaço de relações homossociais, o desejo estaria protegido pelos pressupostos de virilidade, amizade e familiaridade próprios das ligações homossociais. Desse ponto de vista, Bachelard confere, fenomenologicamente, o espaço como construtor de uma identidade do sujeito atrelada à proteção de suas “verdades”, seus desejos internalizados através do convívio naqueles espaços que nos fazem pensar “a casa”. Assim, há uma ponte de sua fenomenologia com os conceitos de Sedgwick (1998), acerca da homossociabilidade masculina, visto que o espaço homossocial pode, também, auscultar o desejo homoerótico camuflado em procedimentos de amizade entre homens.



E o recorte bachelardiano acerca da casa como proteção do “eu”, é deveras relevante para o entendimento das decisões de Amaro. Apesar de toda imagnetização do navio e do mar refletirem a razão de sua relação com Aleixo e com os marujos num ambiente de familiaridade, Amaro já se reveste do modelo heterossexual de convivência quando propõe ao grumete uma casa para seus encontros fora do mar:

Tudo avultava desmesuradamente em sua imaginação de marinheiro de primeira viagem. Bom-Crioulo tinha prometido levá-lo aos teatros, ao Corcovado (outra montanha donde se avistava a cidade inteira e o mar...), à Tijuca, ao Passeio Público, a toda parte. Haviam de morar juntos, num quarto da rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubessem duas camas de ferro, ou mesmo só uma, larga, espaçosa... Ele, Bom-Crioulo, pagava tudo com o seu soldo. Podia-se viver uma vida tranqüila. Se continuassem no mesmo navio, não haveria coisa melhor; se, porém, a sorte os separasse dava-se jeito. Nada é impossível debaixo do céu.

— E não tem que dizer isto a ninguém, concluiu o negro. Caladinho: deixe estar que eu toco os paus... (CAMINHA, 2007, p. 37).

A partir daí, ele focaliza o desejo homoerótico num padrão heteronormativo do casamento, poderíamos dizer, mesmo que aquele espaço – o quarto na Rua da Misericórdia – fosse, simbolicamente, o esconderijo, o lugar onde se poderia ser quem, realmente, se era. A casa, como espaço que abriga as lembranças e a própria identidade, deve proteger a relação entre os dois “conservando-lhes seus valores de imagens” (BACHELARD, 1993, p. 25).

Se a casa na Rua da Misericórdia fornece a possibilidade do amor entre as duas personagens, ela servirá de abrigo à relação homoerótica, uma vez que, para os padrões de virilidade e normalidade fosse inconcebível tal convívio, ela proporciona o “devaneio” de que fala Bachelard (1993), a possibilidade de se sonhar uma vida “normal”, através do espaço onde essas imagens se tornam possíveis.

A casa na Rua da Misericórdia ou o “quartinho”, como nos diz a narrativa, é o próprio espaço do convívio homoerótico entre essas duas personagens. Além de ser o momento crucial do romance, é nela que se desencadearão os fatos mais importantes na vida de Amaro e Aleixo, pois, é neste espaço que entra em cena outra personagem: Dona Carolina, uma senhora portuguesa cuja amizade com Amaro já data de certo tempo quando este a salvou de um assalto durante a noite, provocando, com isto, uma gratidão em Carolina que não se furtará de recompensar Amaro com sua solicitude.

Carolina alugava quartos na Rua da Misericórdia. Sendo amante de um açougueiro, não tinha outras rendas além da que vinha dos aluguéis e dos provimentos que recebia dele. Entre os espaços que compunham a sua casa, havia um cuja disponibilidade causa uma identificação entre as personagens e a relação homoerótica: o sótão. Ora, este espaço se localizava na parte superior da casa, distante do vaivém corriqueiro da vida doméstica. Para a compreensão deste espaço, é importante observar que o sótão dispõe de certo privilégio em relação aos outros cômodos da casa. Além de possibilitar o distanciamento dos afazeres domésticos, ele traz para a reflexão o local mais alto, aquele que se sobe e se eleva para poder realizar a relação entre as personagens. O movimento vertical de subida, parece-me, faz com que Amaro e Aleixo possam permitirem-se viver uma relação homoerótica, visto que o sótão também é o espaço onde se guardam as coisas inutilizáveis, mas que estão passíveis de se poder ver e tocá-las:

O quarto era independente, com janela para os fundos da casa, espécie de sótão roído pelo cupim e tresandando a ácido fênico. Nele morrera de febre amarela um portuguesinho recém-chegado. Mas Bom-Crioulo, conquanto receasse as febres de mau caráter, não se importou com isso, tratando de esquecer o caso e instalando-se definitivamente. Todo dinheiro que apanhava era para compra de móveis e objetos de fantasia rococó, “figuras”, enfeites, coisas sem valor, muita vez trazidas de bordo... Pouco a pouco o pequeno

“cômodo” foi adquirindo uma feição nova de bazar hebreu, enchendo-se de bugigangas, amontoando-se de caixas vazias, búzios grosseiros e outros acessórios ornamentais. O leito era uma “cama de vento” já muito usada, sobre a qual Bom-Crioulo tinha o zelo de estender, pela manhã, quando se levantava, um grosso cobertor encarnado “para ocultar as nódoas” (CAMINHA, 2007, p. 54).

Certamente, no sótão, há a primeira distribuição de luz, na casa. A divisão espacial, nesta perspectiva, não poderia deixar de refletir a dinâmica da casa de que trata Bachelard (1993), quando expõe sobre esse espaço. Claro, é no sótão que se escondem as crianças, onde se guardam objetos que um dia podem voltar a habitar a casa. Ao contrário do porão, o sótão é o espaço do sonho, o espaço onde o devaneio pode alçar vôo e, é através dessa fenomenologia que as personagens parecem dispor-se para fantasiar uma relação e vivenciá-la dentro de uma possibilidade que transcende o devaneio e que proporciona proteção, pois:

A verticalidade é proporcionada pela polaridade do porão e do sótão. As marcas dessa polaridade são tão profundas que, de certo modo, abrem dois eixos muito diferentes para uma fenomenologia da imaginação. Com efeito, quase sem comentário, pode-se opor a racionalidade do teto à irracionalidade do porão. O teto revela imediatamente sua razão de ser: cobre o homem que teme a chuva e o sol... Os andares elevados, o sótão, o sonhador os “edifica” e os reedifica bem edificadas. (BACHELARD, 1993, p. 36-37).

A perspectiva do sonho, da possibilidade de viver uma relação afetiva entre as personagens, causa uma satisfação sem precedentes em Amaro. Apesar de toda a convivência no navio, é no “quartinho” da Rua da Misericórdia que os sonhos e devaneios de Amaro poderão ganhar contornos de realização, como fica patente na voz do narrador, quando diz que:

Bom-Crioulo, desde a primeira noite dormida no sobradinho, começou a experimentar uma delícia muito íntima, assim como um recolhido gozo espiritual – certo amor à vida obscura daquela casa onde

ultimamente quase ninguém ia, e que era o seu querido valhacoito de marujo em folga, o doce remanso de sua alma voluptuosa. Não sonhava melhor vida, conchego mais ideal: o mundo para ele resumia-se agora naquilo: um quatinho pegado às telhas, o Aleixo, e... nada mais! Enquanto Deus lhe conservasse o juízo e a saúde, não desejava outra coisa. (CAMINHA, 2007, p. 54).

A mudança que o espaço do sobradinho causa na vida de Amaro é, sobremaneira, marcada por aspectos positivos. Durante o tempo em que passa a dividir com seu amado aquele espaço, ele também passa a empreender uma mudança em suas atitudes, mostrando-se melhor a cada dia na marinha Imperial. No entanto, para que se valham as normas naturalistas, o narrador já nos dá pistas de que aquele comportamento está ligado às raízes raciais da personagem: “Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Coisas do caráter africano...” (CAMINHA, 2007, p. 55), o que nos leva a compreender que todo o romance está pautado numa perspectiva naturalista, na qual as questões de raça e de sexualidades desviantes não podem, jamais, caminharem para um final feliz, uma vez que tais condições refletem tanto uma inferioridade, do ponto de vista racial, quanto uma patologia no campo da sexualidade.

O quatinho na casa de Carolina refletia um quê das próprias personagens. Neste momento, espaço e enredo parecem diluir-se numa dialética em que a própria identidade daqueles sujeitos funde-se com o espaço em que estão inseridos, como nos diz Hall (2001): suas geografias imaginárias. Sim, certamente a distribuição do espaço formaliza uma ambientação em que as personagens criam uma alteridade espaço-sujeito quando é retratado, fotograficamente, com a decoração que Amaro faz daquele espaço.

Sem dúvida, as alusões a “coisas sem valor”, “bazar hebreu” e outros objetos refletem um olhar naturalista do narrador que se reveste do discurso cientificista e nos faz perceber a semelhança que há entre a identidade *gay* das personagens, em

fundição com o espaço que elas habitam. Do momento em que a relação homoerótica conforma uma transgressão dos padrões de normalidade, resvalando para a doença e desorganização geral, o espaço dessas personagens deve – do ponto de vista naturalista – refletir a identidade delas. Dessa forma, tanto a raça quanto a sexualidade são postas em xeque e comparadas com a desorientação espacial em que os objetos são dispostos e a desvalorização com que são citados, uma vez que a condição de *gays*, naquele momento, não pode estar atrelada aos padrões de “normalidade” do modelo heterossexual.

### **3.2 A representação da identidade *gay* no contexto naturalista: Amaro e Aleixo**

O romance *Bom-Crioulo* foi escrito em 1895, fins do século XIX. Marcadamente influenciado pelas teorias correntes daquele século, veremos, em seu contexto, a representação do negro que vive dentro de uma sociedade pós-escravagista, “livre”, maquiada com os ideais de igualdade fundados nos modelos europeus.

De fato, é necessário perceber que a personagem Amaro nos é apresentada como um negro forte, de instinto violento e sexualmente pervertido. Tais características nos levam a compreender o pensamento da sociedade acerca dos negros, baseado em teorias do evolucionismo e da origem das espécies de Darwin, onde algumas raças – precisamente o negro – por serem inferiores, segundo tais teorias, não conseguiram evoluir e se tornarem civilizadas.

Seguindo uma “agenda anti-racista”, o negro como minoria – no sentido de representação –, passa a ser considerado um ser desprovido da essência civilizada do europeu, ganhando, assim, *status* diferenciado que justificaria as minorias negras no tecido social ao qual pertenciam. Conforme Guimarães (1995), o racismo e suas justificativas transcendem a noção biológica de dependência. Segundo ele,

Tal definição é imprecisa parcialmente por que reduz a idéia de natureza a uma noção biológica. Sabemos, por outro lado, que existem modos diferentes de “naturalizar” hierarquias sociais. Em geral, “natural” significa uma ordem a-histórica ou trans-histórica, destituída de interesses particulares e contingentes, representando apenas atributos da espécie humana ou das divindades que a criaram. Essa ordem natural presumida pode, contudo, assentar em bases tão diversas quanto a teologia (origem divina), a ciência (endodeterminismo), ou a civilização (a necessidade histórica justificando a subordinação de uma sociedade por outra) (GUIMARÃES, 1995, p. 31).

Sendo um ex-escravo, e, além disso, *gay*, a personagem Amaro é construída mais como um modelo de perversão do que de uma representatividade positiva. Na fala do narrador, podemos perceber a condição do negro na sociedade brasileira de fins do século XIX, e de como acontecia o processo de assimilação étnica a partir do romance *Bom-Crioulo*. Em um dos trechos do romance, vemos uma descrição feita pelo narrador que retrata, muito bem, como se dava esse processo de assimilação:

Amaro soube ganhar logo a afeição dos oficiais. Não podiam eles, a princípio, conter o riso diante daquela figura de recruta alheio às praxes militares, rudo como um selvagem, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaréu; mas, no fim de alguns meses, todos eram de parecer que “o negro dava para gente” (CAMINHA, 2007, p. 26).

A expressão do narrador na frase “o negro dava para gente” (CAMINHA, 2007, p. 26), nos leva a perceber a “sutura” de que trata Hall (2001, p. 12) quando diz que o sujeito sociológico constrói uma identidade que está atrelada à estrutura

da qual faz parte. Neste sentido, também podemos dizer que, além de se assimilar aos marinheiros brancos, a personagem vai se construindo nos pilares da normatividade heterossexual, todavia, parece-me, é inevitável que a sua conduta não se desvie dos padrões vigentes, confirmando, assim, a impossibilidade de ser igual aos outros, numa ótica naturalista.

Em *Bom-Crioulo*, temos alguns exemplos de identidade que se configuram como o sujeito sociológico de que trata Hall (2001). Veremos, a partir da narrativa, um escravo fugitivo que encontra na Marinha um refúgio, pois, “só temia regressar à “fazenda”, voltar ao seio da escravidão [...]” (CAMINHA, 2007, p. 24). Esta fuga daquela realidade seria, talvez, uma configuração daquele “sujeito do iluminismo” e que teria sua identidade definida e imutável, uma vez que, nascido com ela, jamais a mudaria. Amaro, dessa forma, transpõe sua condição de escravo para assumir uma nova identidade no meio coletivo, de “homem-livre”<sup>6</sup>. Identificar-se com o meio “livre” é uma característica desta personagem, como fica patente nesta passagem:

A liberdade entrava-lhe pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, por todos os poros, enfim, como a própria alma da luz, do som, do odor de todas as coisas etéreas... [...] Ele o escravo, “o negro fugido” sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser, grande como a natureza, em toda a pujança viril da sua mocidade [...] (CAMINHA, 2007, p. 25).

A identificação da personagem com o meio social é clara. Apesar de ter deixado todo um passado atrás de si, o local de agora, apesar da “disciplina militar, com todos os seus excessos” (CAMINHA, 2007, p. 25) é a sua casa, seu lugar. Mas, se concordarmos com Bhabha (1998, p.76), “a questão da identificação nunca é a

<sup>6</sup> A personagem é “livre” apenas da escravidão, uma vez que no espaço militar ele está sujeito à disciplina e obediência. Ideologia de “indivíduo autônomo”, própria da burguesia e do capitalismo nascente.

afirmação de uma identidade pré-data, nunca uma profecia *autocumpridora* – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem”. Nesta concepção, podemos fazer uma ponte com o texto de Hall e dizer que a identidade da personagem Amaro não é definida no momento que ele vai “além” do seu espaço anterior, e sim uma “sutura” (HALL, 2001) deste sujeito à estrutura militar.

A questão que agora parece contradizer a concepção de sujeito sociológico é, justamente, a identidade *gay* desta personagem. Segundo essa concepção, seria mais “predizível” uma identidade unificada, o que não acontece com as personagens de *Bom-Crioulo*. Apesar de estarem num espaço de virilidade/masculinidade, suas identidades entram num processo de mudança, e é, justamente, no momento que Amaro conhece Aleixo, que acontece essa mudança em sua identidade.

A partir daí, Amaro deixa para trás todos os “ideais” de masculinidade, cujos paradigmas estabelecem os pressupostos do patriarcado, “desviando-se”, assim, para uma relação *gay* com a personagem Aleixo. Desta forma, Amaro transgride a “fixidez” de uma identidade já previsível. Ele desestabiliza, de certa forma, o poder disciplinar, que, segundo Stuart Hall,

[...] está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que “políam” e disciplinam as populações modernas – oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, [...] (HALL, 2001, p. 42).

Outra questão que se percebe também no romance é se há uma correspondência na relação entre os personagens ou uma ambivalência identitária. O fato de Aleixo entregar-se aos desejos de Amaro não revela uma identidade fixa daquele. Fixemo-nos neste trecho para iniciarmos esta especulação:



[...] Mas daí em diante Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera. [...]

A idéia de que Bom-Crioulo sofrera por sua causa calou de tal maneira no espírito do grumete que ele agora estimava-o como a um *protetor desinteressado, amigo dos fracos...* (CAMINHA, 2007, p. 31 grifo meu).

A partir daí, o próprio texto nos dá pistas de que a personagem Aleixo tem mais “gratidão” do que mesmo uma paixão por Amaro. Com isso, o posicionamento sexual de Aleixo passa a ser descentrado por força das solitudes, provas de amizade e carinho do Bom-Crioulo. Mais adiante, perceberemos uma ambivalência desta identidade no momento em que a relação sexual entre os personagens acontece, misturando sensações de gratidão e desejo passivo. A ação “pedagógica” de Amaro traz características do “amor pelos rapazes” da cultura grega, onde os adolescentes que não tinham a proteção do direito familiar, tornavam-se objetos de prazer dentro das instituições masculinas, o que está muito bem apresentado em Foucault<sup>7</sup>.

O momento crucial da relação das personagens Amaro e Aleixo acontece, justamente, no instante em que outra personagem, D. Carolina, entra em cena. As promessas de Bom-Crioulo tornam-se reais quando decide alugar um quarto para viver sua relação homoerótica. Carolina, como terceira personagem do romance, é uma senhora portuguesa que aluga quartos na Rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro, e que foi salva de um assalto por Amaro, que se tornou amigo íntimo dela. Carolina tem um caso com um açougueiro que a ajuda financeiramente. E, neste

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

local – a casa de Carolina –, é que se desencadearão as mudanças mais drásticas na vida destas personagens.

Nestes interstícios, Amaro é transferido do barco em que servira junto com Aleixo e com quem já se tinha identificado completamente, coisa que não ocorrera com Aleixo que: “De resto, o negro não lhe fazia muita falta [...] – Podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado “àquilo”...” (CAMINHA, 2007, p. 63). A “voz” de Aleixo deixa claro que ele não revela uma identidade sólida, fixa; as questões que o envolveram com Amaro não passam de gratidão, conveniência material e física. Nesta perspectiva, Homi K. Bhabha reflete muito bem sobre a consciência da identidade do *eu*:

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência. (BHABHA, 1998, p. 83).

Podemos, então, perceber, através do pensamento de Bhabha, que é a partir da separação do objeto, seu distanciamento (neste caso Amaro), que Aleixo começa a esvaziar seu *eu* para assumir, ou melhor, descobrir outras identidades.

Entrementes, D. Carolina, “mulher-homem”<sup>8</sup>, seduz Aleixo com a mesma fúria que Amaro o desejava, com as mesmas promessas de coisas materiais, e vê no rapaz um *quê* de feminino o que se configura, também, como uma identidade masculinizada da mulher que se mostra ativa no seu comportamento sexual. Aleixo, por sua vez, expõe sua identificação com Carolina e o desprezo por Amaro, no final do capítulo VI (CAMINHA, 2007, p. 69), quando deseja nunca mais encontrá-lo.

---

<sup>8</sup> Termo utilizado no romance. (CAMINHA, 2007: p. 68) e que, possivelmente, reflete a imagem da mulher “masculinizada”.

Num *quê* de melancolia, Amaro, que já teria se metido numa briga, foi preso e castigado. Agora, hospitalizado, só desejava encontrar o seu Aleixo, cuja atenção voltava-se para Carolina, suas peripécias sexuais de mulher-homem que o possuía como a uma moça virgem.

Desesperado e “cego, às tontas, como quem vai precipitar-se num abismo” (CAMINHA, p. 106), Amaro vai à procura de Aleixo na Rua da Misericórdia. Informado por Herculano de que Aleixo estava “amigado com uma rapariga”, Amaro se reveste de ódio e ciúme e vai procurá-lo. E, como numa tragédia grega, passional, mata o efebo.

Neste tópico, pudemos compreender que a relação homoerótica entre as personagens não estão fundadas numa identidade sólida, fixa. Apoiados em Hall (2001) e Bhabha (1998) chegamos à conclusão de que as personagens constroem uma identidade transitória no espaço homosocial, produzida pelo discurso científico e manipulada pelo autor-narrador na defesa de sua tese.

### **3.3 O espaço homosocial e as relações de poder em *O Ateneu***

Neste momento, trataremos de observar as relações de poder no ambiente escolar do internato representadas no romance de Raul Pompéia, *O Ateneu* (2007). Escrito em 1888, essa obra está inserida no Naturalismo brasileiro e se faz objeto de estudo para esta pesquisa, cujo interesse se dirige para as questões da representação do homoerotismo na literatura. Por se tratar de um romance um tanto impressionista, do ponto de vista estético, narrado em primeira pessoa, a obra de Pompéia parece constituir uma fábula autobiográfica, no entanto, não se faz

relevante tal associação para nosso interesse, uma vez que os aspectos que iremos observar são distintos de tal elemento.

Como vimos, anteriormente, espaço e homossociabilidade são elementos que constituem a estrutura interna nesses dois romances, a saber, *Bom-Crioulo* e *O Ateneu*. Tais prerrogativas nos fazem pensar nos ambientes em que estão inseridas as personagens das fábulas, um espaço cuja ideologia está centrada na masculinidade e nos pressupostos do poder. São as instituições “completas” como diria Foucault. Instituições que se erigem a partir do discurso dominante heterossexual e traduzem uma hierarquia em sua estrutura, contextualizando questões de gênero e classe, força física e relações homoeróticas.

No romance de Pompéia, temos como narrador-personagem o garoto Sérgio. Ainda criança, ele é retirado do seio da família para ser introduzido no “mundo”, como vemos neste trecho:

“Vais encontrar o mundo”, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. “Coragem para a luta”. Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca de vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. (POMPÉIA, 2007, p. 13)

E, o mundo, para Sérgio, era o próprio Ateneu. Ora, no trecho citado temos uma previsão do que toda aquela mudança operaria na vida da personagem dentro do internato. Suas palavras iniciais proporcionam uma visão geral do clima do ambiente onde vai conviver. Claro que, neste romance, o narrador já se apresenta na vida adulta, pós-Ateneu, e nos apresenta suas angústias no convívio escolar. Mas, para nós, o que interessa são, justamente, as relações que se desencadeiam

durante o percurso de Sérgio no Ateneu. Em suas memórias refletiremos o espaço como elemento relevante no enredo e as relações de poder estabelecidas pelas personagens como estruturantes da narrativa.

Tomando como referencial teórico, estudiosos das instituições “completas” como Foucault (1998, 1999) e Goffman (1987), Sedgwick (1998), procuramos discutir, neste momento, os aspectos homosociais de Sérgio no Ateneu, suas possibilidades homoeróticas, e, sobretudo, as relações de poder cujas estruturas se erigem nesse espaço, a saber, o internato.

Assim como outros sistemas “totais”, o internato revela algumas características do sistema prisional, dos conventos, quartéis e clínicas psiquiátricas por sua condução austera e vigilante (Foucault, 1998, 1999), (Goffman, 1987). Em *O Ateneu* (2007), temos a representação de um garoto, Sérgio, como narrador-personagem de sua própria trajetória naquele ambiente marcado por inúmeras experiências que o atingiram profundamente.

Como pano de fundo para transformação e educação, o internato reflete a homosociabilidade num espectro de protecionismo e disputas de poder. E, de outro ângulo, ela é o próprio local de modelização de sujeitos, como nos diz Benelli (2003, p. 136):

A instituição total é um híbrido social, constituído parcialmente como grupo residencial e também como organização formal. Ela é um viveiro ou uma estufa que funciona como instrumento para modelar, mudar e transformar pessoas. Cada instituição total é, assim, um experimento natural do que se pode fazer com a identidade de um indivíduo. (BENELLI, 2003, p. 136).

A chegada de Sérgio ao Ateneu é, para esta personagem, um momento de transição cujas conseqüências psicológicas se configuram durante o romance como

um processo de transformação na identidade dele. Mesmo que animado por “se tornar homem”, a personagem vive num dilema próprio aos espaços homossociais.

O Ateneu se apresenta, para Sérgio, como um espaço de aprendizado, alegria e culminância de alegres encontros e fortuitos alunos que, em sua primeira visita ao colégio, o impressiona profundamente, causando, assim, uma impressão positiva da vida que iniciaria naquele lugar. Nesse momento, a descrição que o narrador-personagem faz do espaço colegial traduz uma impressão forte dos aspectos espaciais que o leva a criar uma expectativa de grandiosidade frente à suntuosidade daquele lugar:

A primeira vez que vi o estabelecimento, foi por uma festa de encerramento de trabalhos.

Transformara-se em anfiteatro uma das grandes salas da frente do edifício, exatamente a que servia de capela; paredes estucadas de suntuosos relevos, e o teto aprofundado em largo medalhão, de magistral pintura, onde uma aberta de céu azul despenhava aos cachos deliciosos anjinhos, ostentando atrevimentos róseos de carne, agitando os minúsculos pés e as mãozinhas, desatando fitas de gaze no ar. Desarmado o oratório, construíram-se bancadas circulares, que encobriam o luxo das paredes. Os alunos ocupavam a arquibancada. Como a maior concorrência preferia sempre a exibição dos exercícios ginásticos, solenizada dias depois do encerramento das aulas, a acomodação deixada aos circunstantes era pouco espaçosa; e o público, pais e correspondentes em geral, porém mais numeroso do que se esperava, tinha que transbordar da sala da festa para a imediata. Desta ante-sala, trepado a uma cadeira, eu espiava. Meu pai ministrava-me informações. Diante da arquibancada, ostentava-se uma mesa de grosso pano verde e borlas de ouro. Lá estava o diretor, o Ministro do Império, a comissão dos prêmios. Eu via e ouvia. Houve uma alocução comovente de Aristarco; houve discursos de alunos e mestres; houve cantos, poesias declamadas em diversas línguas. O espetáculo comunicava-me certo prazer respeitoso. O diretor, ao lado do ministro, de acanhado físico, fazia-o incivilmente desaparecer na brutalidade de um contraste escandaloso. Em grande tenue dos dias graves, sentava-se elevado no seu orgulho como em um trono. A bela farda negra dos alunos, de botões dourados, infundia-me a consideração tímida de um militarismo brilhante, aparelhado para as campanhas da ciência e do bem. A letra dos cantos, em coro dos falsetes indisciplinados da puberdade, os discursos, visados pelo diretor, pançudos de sisudez, na boca irreverente da primeira idade, como um Cendrillon malfeito da burguesia conservadora, recitados em monotonia de realejo e gestos rodantes de manivela, ou exagerados, de voz cava e caretas de tragédia fora de tempo, eu recebia tudo convictamente, como o texto da bíblia do dever; e as banalidades profundamente lançadas como as sábias máximas do ensino redentor. Parecia-me estar vendo a

legião dos amigos do estudo, mestres à frente, na investida heróica do obscurantismo, agarrando pelos cabelos, derribando, calcando aos pés a Ignorância e o Vício, misérrimos trambolhos, consternados e esperneantes. (POMPÉIA, 2007, p. 16-17).

A impressão causada na personagem não se restringe, apenas, ao espaço enquanto fotografia, mas, também, aos discursos ideológicos permeados de exortações morais representados na figura do diretor: Aristarco.

Diferentemente de outras instituições austeras (FOUCAULT, 1998, 1999), o Ateneu é, para Sérgio, um espaço de transformação, onde o próprio sujeito se “encaixa”, por vontade própria, e absorve os paradigmas daquela instituição. A modelização em espaços dessa natureza é um constituinte importante, visto que os atores inseridos nesse contexto devem apresentar as características de transformação e evolução inerentes à instituição (GOFFMAN, 1987), aqueles “corpos dóceis” de que fala Foucault.

Um discurso importante revela a estrutura de poder representado por Aristarco no início das aulas no Ateneu. Na sua fala, vemos representados os pressupostos normativos do internato, refletidos também nas instituições de poder. A figura de Aristarco representa os olhos vigilantes da moral burguesa, os olhos sempre abertos, “Cérbero” sempre atento a qualquer movimento transgressor. E, para ele, nada é pior do que a “imoralidade” (POMPÉIA, 2007, 30-31), cujas repercussões o código do internato não faz menção:

E recuava tragicamente, crispando as mãos. “Ah! mas eu sou tremendo quando esta desgraça nos escandaliza. Não! Estejam tranqüilos os pais! No Ateneu, a imoralidade não existe! Velo pela candura das crianças, como se fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas! O Ateneu é um colégio moralizado! E eu aviso muito a tempo... Eu tenho um código...” Neste ponto o diretor levantou-se de salto e mostrou um grande quadro à parede. “Aqui está o nosso código. Leiam! Todas as culpas são prevenidas, uma pena para cada hipótese: o caso da imoralidade não está lá. O parricídio não figurava na lei grega. Aqui não está a imoralidade. Se a desgraça ocorre, a

justiça é o meu terror e a lei é o meu arbítrio! Briguem depois os senhores pais!...”

Em seu discurso sobre a imoralidade, percebemos a austeridade com que se preocupavam os dirigentes dos internatos acerca do sexo, uma vez que os espaços homossociais propiciam o desenvolvimento das relações homoafetivas.

No início das aulas, Sérgio foi confiado aos cuidados do professor Mânlio que o recomenda ao aluno Rebelo. Este é um daqueles exemplos de atenção e zelo pelos estudos. Rebelo seria o primeiro e único a precaver Sérgio acerca dos protetores no Ateneu:

“Viu aquele da frente, que gritou calouro? Se eu dissesse o que se conta dele... aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores... Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se.

“Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, perversos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.” (POMPÉIA, 2007, p. 36).

Nas palavras de Rebelo revelam-se as estruturas de poder imbricadas no convívio masculino do internato. A fraqueza, timidez e ingenuidade são, para ele, signos de feminilidade que levam os garotos fracos à desonra e à perversão, associados aos pressupostos de masculinidade construídos pela civilização ocidental que estabeleceu a virilidade como símbolo de força e poder. Para ele, admitir um protetor era o mesmo que se entregar, se dispor ao outro mais forte para que ele exerça poder. Seguindo a estrutura clássica sobre as definições de gênero e classe na estrutura patriarcal, a mulher é representada pela fraqueza, pela



passividade, enquanto o homem é o próprio símbolo do falo, da penetração (NAPHY, 2004), (FOUCAULT, 2007).

Nesse contexto, Sérgio irá confirmar que aquele espaço está cercado de disputas de poder. Seguidas as orientações de Rebelo, o narrador-personagem irá se defrontar com o Barbalho, um aluno de má reputação, cuja intenção é desmoralizar Sérgio, fazendo com que este sentisse a necessidade de procurar um protetor. Enxotando o Barbalho com um pedaço de telha, Sérgio dá provas de que parece se “virar” sozinho, causando os aplausos de Rebelo. Tal comportamento por parte de Sérgio faz com que ele adquira um certo respeito frente aos alunos do internato, o que justifica, segundo Goffman (1987), “estratégias de adaptação” como:

afastamento da realidade, no qual o internado se abstém através de graus variados de não-participação em acontecimentos e interações; intransigência, em que o internado desafia intencionalmente a instituição, ao negar-se de modo visível a cooperar com a equipe dirigente (a rebeldia costuma ser uma forma de reação inicial e temporária; depois, o internado se utiliza de outras táticas adaptativas); colonização, onde o indivíduo se adapta de tal modo à instituição, que nela acaba por encontrar um lar, acreditando e sentindo que vive no melhor dos mundos e nunca teve nada melhor antes, usufruindo o máximo possível do que lhe propicia a vida institucional; conversão, na qual o internado parece aceitar a interpretação oficial da equipe dirigente e procura representar o papel do internado perfeito. (...) “se virar”, as táticas anteriores representam comportamentos coerentes que podem ser seguidos, mas os internados não perseveram nelas por muito tempo. Eles acabam “se virando” e utilizam um “jogo de cintura”: uma combinação oportunista de ajustamentos secundários, conversão, colonização e lealdade aos colegas, de modo a obter, dentro da situação específica, uma possibilidade máxima de evitar sofrimentos físicos ou psicológicos. (GOFFMAN, 1987, p. 59).

É, justamente, num acidente que acontece na piscina do colégio que Sérgio irá se deparar com as questões tratadas por Rebelo. Durante o banho, Sérgio será puxado para o fundo da piscina, induzido a um afogamento e um salvamento – supostamente provocado por Sanches. Depois do episódio, Sérgio – que antes não

suportava Sanches – passa a dever-lhe gratidão pela ajuda, transformando-se, assim, em seu protegido.

A abjeção que Sanches provoca em Sérgio, parece-nos, é provocada por uma empatia construída pelo discurso um tanto homofóbico de Rebelo. Ora, as exortações que este último sugere a Sérgio constroem uma espécie de aversão aos “protetores”, visto que assemelha-se às relações pederásticas da antiguidade Greco-romana. Além dos conselhos de Rebelo, há uma representatividade importante de Aristarco como centro do poder disciplinar que observa, atentamente, cada espaço do internato para que não se pratique a “imoralidade”. A questão da presença do diretor vai além de sua manifestação física, uma vez que nesse tipo de instituição o controle e a disciplina regem e regulam a vida das pessoas como se elas estivessem sendo monitoradas todo o tempo pelos vigilantes e, até mesmo, pelos internados, visto que estes se adaptam de tal forma que se tornam corpos dóceis e obedientes. Desta forma, concordamos com Foucault, quando diz que:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (...) A vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar. (FOUCAULT, 1999, p. 143-147).

Diante de tudo que olvidara de Rebelo, Sérgio parece se encontrar com uma identidade construída naquele modelo pederástico grego. Agora, amigo íntimo de Sanches, ele começa a acreditar-se efeminizado, uma vez que a proteção nos ambientes homossociais podem conformar aspectos de fraqueza por quem se torna protegido, resvalando, assim, para uma identidade feminina a construção de uma subjetividade. Assim como em *Bom-Crioulo*, a gratidão por parte de Aleixo é o

“empurrão” para o desejo homoerótico, n’*O Ateneu*, também, a gratidão por Sanches ter salvo Sérgio do afogamento será um indício de um desejo homoerótico despertado neste último:

Se não houvesse olvidado as práticas, como a assistência pessoal do Rebelo, eu notaria talvez que pouco a pouco me ia invadindo, como ele observara, a efeminação mórbida das escolas. (...) E, como se a alma das crianças, à maneira do físico, esperasse realmente pelos dias para caracterizar em definitivo a conformação sexual do indivíduo, sentia-se possuído de certa necessidade preguiçosa de amparo, volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculino. (...) Sanches havia sem dúvida de valer-me com a sua capacidade de grande estudante, sobretudo com a boa vontade insinuativa que desinteressadamente manifestava. Sem falar no proveito que rendia esta afeição, empunhando por meu favor o terrível sabre de vigilante, com guardas de couro! (POMPÉIA, 2007, p. 44-45).

No entanto, a relação de Sérgio e Sanches não ultrapassa o limiar da amizade homoerótica. De certo que este último exprime um desejo homoerótico pela personagem Sérgio, e, não sendo correspondido, procura meios de coerção para que o outro se valha de sua proteção. A repulsa de Sérgio pelo desejo de Sanches não indica uma repulsa de seu próprio desejo, mas um reflexo de sua alma perturbada, confusa pela satisfação da proximidade de Sanches e, ao mesmo tempo, o rechaçamento desta, influenciado pelo discurso acerca da fraqueza e da necessidade de proteção, como podemos ver neste trecho:

Sempre desconfiado e receoso dos outros, o meu companheiro era quase exclusivamente Sanches. Sempre juntos eu e ele. Sabia-se no *Ateneu* que era ele eu explicador, supunham até que pago. Não causavam estranheza as nossas relações. Contudo Sanches, como os mal-intencionados, fugia dos lugares concorridos. Gostava de vaguear comigo, à noite, antes da ceia, cruzando cem vezes o pátio de pouca luz, cingindo-me nervosamente, estreitamente, até levantar-me do chão. Eu aturava, imaginando em resignado silêncio o sexo artificial da fraqueza que definira Rebelo. (POMPÉIA, 2007, p. 53).

Com o “desenlace” da amizade entre Sérgio e Sanches, o primeiro passa a viver uma vida solitária no colégio. Longe de todos os colegas, parece preparar-se para o “mundo”, para uma vida independente e sem proteções. A partir daí, uma onda de religiosidade toma conta de Sérgio, que passa a ver, na figura de Sanches, a personificação do pecado.

É interessante perceber que, mesmo sem a concretização da relação sexual entre estas personagens, a imagem de “pecado contra a natureza” parece muito bem refletida no discurso da personagem Sérgio, estabelecendo, assim, a visão judaica/cristã acerca das relações homoeróticas.

A fuga de Sérgio, através da religião, conforma uma crise interior da personagem cujos conflitos parecem ser impossíveis de se resolver. Entendendo que não seria possível admitir a proteção de Sanches, visto que este representa o desejo da carne, o pecado, ele prefere entregar-se ao culto religioso. A personagem Barreto lhe seria um espelho de religiosidade e lhe influenciaria nessa nova “ordem”, entretanto, seriam os conflitos internos e mal resolvidos de Sérgio a causa para essa “reclusão” quase claustro. Afinal, Sérgio compreende que nem poderia entregar-se a Sanches ou outro protetor e procura, na religião, algo que possa suprir suas necessidades, seus medos. Mas, também a religião não provoca na personagem os efeitos que ela esperava:

Iniciara-me Sanches no mal; Barreto instruiu-me na Punição. Abria a boca e mostrava uma caldeira do inferno; as palavras eram chamas; ao calor daquelas práticas, as culpas ardiavam como sardinhas em friteira. (...) Comecei a achar a religião de insuportável melancolia. Morte certa, hora incerta, inferno para sempre, juízo rigoroso: nada mais negro! (POMPÉIA, 2007, p. 74-75).

Após a fase religiosa/punitiva que Sérgio atravessara, uma amizade surge para contornar algumas rugas que marcaram e estigmatizaram a personagem. O

encontro com a personagem Bento Alves provocará em Sérgio um novo modo de conceber as relações homoafetivas dissociadas do modelo Greco-romano de pedagogo/efebo, penetrador/penetrado. A amizade entre os dois, distingue-se pelo fato de Sérgio encontrar em Bento Alves, além da amizade, um amor platônico que resvala para a apropriação de um outro binarismo: o forte/fraco, cujas repercussões ele já conhecia, porém, neste caso, deseja dignamente:

A amizade do Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. Para me fitar esperava que eu tirasse dele os meus olhos. A primeira vez que me deu um presente, gracioso livro de educação, retirou-se corado, como quem foge. Aquela timidez, em vez de alertar, enternecia-me, a mim que aliás devia estar prevenido contra escaldos de água fria. Interessante é que vago elemento de materialidade havia nesta afeição de criança, tal qual se nota em *amor*, *prazer* do contato fortuito, de um aperto de mãos, *da emanção da roupa*, como se absorvêssemos um pouco do objeto simpático. (POMPÉIA, 2007, p. 96 – grifos meus).

Na voz da personagem Sérgio, observamos um desejo latente por Bento Alves. Apesar da experiência negativa com Sanches, a disponibilidade com que aceita o desejo homoerótico revela-se, a este tempo, como uma renovação identitária, ou uma identidade atrelada ao novo modelo estabelecido de amizade. O desejo velado de Bento Alves provoca em Sérgio um enternecimento de afeto que camufla o desejo homoerótico (BARCELLOS, 2006). Em suas palavras, a personagem desconstrói uma identidade negada no início de sua trajetória no internato para dar vazão a esta identificação com o outro “igual” na figura de Bento Alves. A partir daí, Sérgio comporta sua sexualidade na direção do amigo, o simples aperto de mão já provoca nessa personagem o desejo físico através da “emanção

da roupa”. Neste momento, o desejo homoerótico se realiza para a personagem, mesmo que, apenas no plano das idéias.

Certamente, o desejo por Bento Alves não prediz uma identidade estabelecida para Sérgio. Durante o romance, ele próprio nos dá pistas de que a transitoriedade desses fatos são pertinentes à convivência no internato e às necessidades de proteção. Todavia, o desejo homoerótico é explícito e, se não constitui, efetivamente uma identidade, conforma o ideal de convivência masculina em espaços homosociais, cujas prerrogativas estão pautadas nas relações de poder. Dessa forma, concordamos com Weeks quando diz que:

Trabalhos recentes sublinharam a importância vital da distinção entre o comportamento, o papel e a identidade em qualquer abordagem sociológica ou histórica para a subjetividade da homossexualidade. Estudos Interculturais, bem como estudos de brincadeiras sexuais entre estudantes, homossexualidade na prisão e sexo em lugares públicos, mostram que o comportamento homossexual não acarreta, automaticamente, ou mesmo necessariamente, a uma identidade homossexual. Papéis Homossexuais e identidades são construídos historicamente<sup>9</sup> (WEEKS apud BARCELLOS, 2006, p. 108 – Tradução nossa).

Assim, a identidade não pode ser estabelecida apenas pelo desejo que Sérgio sente por Bento Alves. Ela pode, como nos diz a própria personagem, constituir uma transição da vida adolescente que num momento posterior, não necessariamente, constituiria uma identidade *gay*.

---

<sup>9</sup> Much recent work has stressed the vital importance of distinguishing among behavior, role, and identity in any sociological or historical approach to the subject of homosexuality. Cross-cultural studies, as well as studies of schoolboy sex play, prison homosexuality, and sex in public places, show that homosexual behavior does not give rise automatically, or even necessarily, to a homosexual identity. Homosexual roles and identities are historically constructed.

E, a relação homoerótica entre essas duas personagens não ultrapassa os limites do “platonismo”<sup>10</sup>. No que tange às relações de poder na instituição, o que Sérgio deixa transparecer é que mesmo se valendo da proteção de Bento Alves contra o Barbalho e outros colegas, sua empatia com aquele transcende os limites do desejo homosocial de amizade e proteção:

Eu, que desde muito assumira entre os colegas um belo ar de impávida altania, modificava-me com o amigo, e me sentia bem na submissão voluntária, como se fosse artificial a bravura, à maneira da conhecida petulância feminina. (...) No movimento geral da existência do internato, desvelava-se caprichosamente; sabia ser, de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase digo amante, tanta era a minudência dos seus cuidados. (POMPÉIA, 2007, p. 96).

Mas, a amizade de Sérgio e Bento Alves não estaria imune aos pressupostos de convívio homosocial no que tange à virilidade, competição e disputas por lugares de destaque. Sendo a disputa pelo poder uma característica dos espaços homosociais, a amizade dessas duas personagens será abalada frente às perseguições de Malheiro que disputava com Bento Alves a fama dos músculos e da força. Sabendo que Bento protegia Sérgio, Malheiro, através de Barbalho, inicia uma provocação a Bento com vistas a insultá-lo perante os colegas. Constituído como protetor de Sérgio, Bento Alves passa a ser alvo de uma disputa de poder por Malheiro que, possivelmente, deseje, para si, a posse do garoto.

A rivalidade, segundo Sedgwick (1998), é uma característica própria dos ambientes homosociais. No contexto do romance, ela parece inexorável na vida dessas personagens. Numa trama enredada por Barbalho, Malheiro se volta contra Sérgio e Bento Alves constituindo, assim, um triângulo de disputa que parece

---

<sup>10</sup> Refiro-me às idéias de Platão no que concerne às suas referências quanto à adversidade aos contatos físicos em detrimento do desejo no plano das idéias.

colocar Sérgio como objeto dessa corrida. O receio de Bento Alves não poderia ser outro:

A preocupação de Bento Alves era uma injúria. Entre ele e Malheiro havia rixa velha de emulação. Malheiro não lhe perdoava a culpa de ser bravo. Os próprios prodígios da força e agilidade, aplaudidos e proclamados pelo *Ateneu*, não davam para saciar a vaidade. De que valia ser forte, se era impossível a aplicação do seu esforço para afrouxar uma fibra à musculatura do Bento? Ah! Não ser possível por sugestão desfiar uma a uma aquelas meadas de arame, reduzir a infantilidade débil aquela corpulência odiosa! Por que não iriam os desejos da inveja, como vampiros, sorver o sangue àquela força, a vida, gota a gota, àquele vigor de ferro? (POMPÉIA, 2007, p. 108).

E, nestes interstícios, Bento Alves continuava com sua “corte” a Sérgio num tom desinteressado, mas nem por isso, menos homoafetivo:

O meu bom amigo, exagerado em mostrar-se melhor, sempre receoso de importunar-me com uma manifestação mais viva, inventava cada dia nova surpresa e agrado. Chegara ao excesso das flores. A princípio, pétalas de magnólia seca com uma data e uma assinatura, que eu encontrava entre folhas de compêndio. As pétalas começaram a aparecer mais frescas e mais vezes; vieram as flores completas. Um dia, abrindo pela manhã a estante numerada do salão do estudo, achei a imprudência de um ramallete. Santa Rosália da minha parte nunca tivera um assim. Que devia fazer uma namorada? Acaricie as flores, muito agradecido, e escondi-as antes que vissem. (POMPÉIA, 2007, p. 108-109).

A trajetória da relação homoerótica entre Sérgio e Bento Alves constitui um importante indício de que o desejo dessas duas personagens resvala para a possibilidade de uma concretização do desejo *gay*. Apesar da vigilância que circunda os espaços homossociais, esta relação entre as duas personagens não se furta da permissão com que elas se relacionam e entendem suas próprias atitudes. Dessa forma, apesar de não haver, de fato, uma consumação sexual, o prazer com que conjugam seus próprios atos constitui uma relação homoerótica sublimada e construída nos padrões de proibição e coerção (FOUCAULT, 2007), cuja sensibilidade é demonstrada no íntimo dos relatos de Sérgio. Apesar de se



apresentar como signo do feminino, Sérgio assume uma posição que não lhe custa tanto esforço, constituindo, assim, uma subjetivação homoerótica sem muitos receios.

Entretanto, uma norma deve ser lembrada no Ateneu: a imoralidade. É a partir do insulto de Barbalho e Malheiro que essa regra vem à tona para Sérgio e Bento Alves. A vigilância que circunda as instituições “totais” volta-se, neste momento, para a relação homoerótica dessas personagens. É o “olho do poder” que tudo sabe e que tudo vê que observa o desencadeamento desse *continuum* na perspectiva homoafetiva e homossocial. E, também, é esse “olho” que se propõe, em nome da moral e dos bons costumes, zelar pelo cumprimento da infração cuja menção não consta no código do Ateneu.

A disputa tem como estopim o insulto de Malheiro trazido por Barbalho:

As circunstâncias o tinham aproximado do Malheiro, e o açafroado caolho pretendia manejar a rivalidade dos dois maiores: um conflito entre Malheiro e Bento podia ser a vergonha para mim. O Malheiro, com o vozeirão grave de contrabaixo, começou a infernizar-me por epigramas. Queria incomodar o Alves mortificandome, julgando que me queixasse. Eu devorava as afrontas do marmanjo se descobrir o meio de tirar correta desforra. Barbalho lembrou-se de tomar as dores. Depois de incitar o Malheiro contra mim, incitou o Bento contra o Malheiro. Procurou-o misteriosamente e informou: “O Malheiro não passa pelo Sérgio que não pergunte quando é o casamento... é preciso casar... Ainda hoje pediu convite para as bodas. O Sérgio está desesperado”. (POMPÉIA, 2007, p. 109).

Depois da ofensa, Bento Alves desafia o Malheiro para uma luta cujo motivo é a sua própria “honra”. Certamente, Bento Alves estava apaixonado por Sérgio e via nos insultos de Malheiro o intuito de envergonhá-lo perante o internato. E a vergonha naquele espaço não se restringia apenas à expulsão ou outra punição: ela não tinha precedentes! Por se tratar de uma “falta” inominável no código, era

passível do arbítrio implacável de Aristarco, cuja conseqüência seria a desmoralização.

A luta entre os dois alunos acontece depois do combinado entre eles. Comparada a uma luta de titãs, naquele contexto, Bento Alves sai vencedor, deixando o Malheiro desacordado e humilhado perante os colegas. Com essa luta, Bento Alves estabelece um lugar de destaque no Ateneu, mas não deixa de ser punido com a ordem de prisão dada por Aristarco para averiguação do caso, enquanto Sérgio lamenta sofregamente:

Por minha parte, entreguei-me de coração ao desespero das damas romanceiras, montando guarda de suspiros à janela gradeada de um cárcere onde se deixava deter o gentil cavalheiro, para o fim único de propor assunto às trovas e aos trovadores medievos. (POMPÉIA, 2007, p. 110).

Nas suas palavras, Sérgio assume a sua paixão por Bento Alves. O quanto o fez sofrer a separação forçada do seu amado. Sua alusão às “damas romanceiras medievais” nos faz inferir que aquela relação não se podia concretizar e devia ser relegada às trovas de algum poeta, visto a impossibilidade com que era percebida por Sérgio. Daí em diante, os dois afastaram-se, o que me parece uma solução para as narrativas homoeróticas de fins do século XIX sem final trágico.

A partir daí, Sérgio se torna uma criatura solitária. Bento Alves não lhe oferece mais a companhia de outrora e se mostra “arredio” pela humilhação que sofrera por sua causa (POMPÉIA, 2007, p. 116).

Um fato que também merece destaque no romance é a infração do aluno Cândido. Em uma carta assinada por “Cândida”, o aluno marca um encontro homoerótico no jardim do internato. Neste momento, Aristarco se vale do poder que representa para demonstrar sua punição à tão grave infração:

“Tenho a alma triste. Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência...” Com todo o vigor tenebroso dos quadros trágicos, historiou-nos uma aventura brejeira. Uma carta cômica e um encontro marcado no jardim. “Ah! Mas nada me escapa... tenho cem olhos. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! Assinado por um nome de mulher! Há mulheres no *Ateneu*, meus senhores!” (POMPÉIA, 2007, p. 138).

Porém, a pena pela infração não pôde ser cumprida, frente às condições econômicas por que passava o colégio. Aristarco, numa demonstração de poder e arbítrio, concede anistia aos transgressores, punindo-os com castigos menores do que os que se podia supor, como a expulsão.

Com a transição de Sérgio para o secundário, outra personagem entra em cena nos meandros homosociais do *Ateneu*. Egbert, um novo aluno de origem inglesa com quem Sérgio figura sua nova amizade, coloca a atenção da personagem voltada para a amizade sincera e desinteressada. Na fala de Sérgio, percebemos que o desejo homoerótico é, simbolicamente, camuflado pela noção de amizade e, cujas comparações com Sanches e Bento Alves contradizem algumas de suas sugestões. Ora, a amizade com Bento e Sanches, apesar de ser uma necessidade para Sérgio, não descarta o desejo homoerótico que está vinculado aos laços de convivência deles. Com Egbert, Sérgio experimentará, cremos, uma amizade revestida de verdadeiro afeto e admiração. De fato, a relação desencadeada entre os dois rapazes é permeada de um notório amor juvenil, despojado do medo e da proteção com que Sérgio se relacionara com Sanches e Bento Alves. Essa amizade reflete a aceitação do desejo homoerótico, da paixão adolescente com contornos mais delicados de atenção, desprendimento e identificação.

Ao contrário das relações anteriores, Egbert era, realmente, o signo do verdadeiro amor para Sérgio. Ainda que o desejo homoerótico de Sérgio buscasse contornos de amizade, fica claro para nós o teor homoerótico adolescente facetado pelos ideais de amizade masculina.

Com Sanches, a amizade não fora fundada no afeto ou desejo homoerótico por parte de Sérgio. A sua aversão àquela personagem traz para o palco da discussão as explicações acerca dos condicionamentos a que se submetiam os adolescentes em ambientes hostis, como o internato. Nesta mesma perspectiva, Barcellos (2006), apresenta dois aspectos preponderantes na configuração do homoerotismo bastante pertinentes à nossa interpretação:

Em primeiro lugar, o caráter de “proteção” que a relação entre rapazes assume, no ambiente hostil da escola. Através dela, é toda a estrutura social, com suas hierarquias de classe, etnia e gênero, que plasma a relação homoerótica, como mimese degradada das relações masculino-feminino, patrão-empregado, branco-negro, numa sociedade de classes. O homoerotismo torna-se assim uma atualização tópica e, ao mesmo tempo, uma caricatura grotesca das relações sociais de poder. Em segundo lugar, cabe sublinhar o quanto a “explicação” do homoerotismo como resultante de um bloqueio de um processo evolutivo “normal”, como vemos no romance, vai ao encontro de muitas das teorias psicológicas que então se forjavam e que haveriam de ter longa fortuna pelo séc. XX afora. (BARCELLOS, 2006, p. 143).

E é, justamente, nessa perspectiva de Barcellos (2006), que o homoerotismo se configura no romance de Pompéia. O homoerotismo como “desvio” das ordens naturais é uma constante na vida da personagem Sérgio. Em todos os laços de amizade com que se desenvolve a fábula, temos uma personagem (Sérgio) oscilante e amedrontada. O desejo homoerótico, vestido de amizade masculina adolescente, transparece como nos vértices de um triângulo, configurando desejo, proteção e amizade. Entretanto, o homoerotismo que reveste a obra de Pompéia, segue a esteira naturalista cuja concepção de masculinidade e normalidade será a

cartilha a ser seguida. Os “desvios” da sexualidade, nesse contexto, são, do ponto de vista cientificista, uma estagnação, involução do desenvolvimento psicológico e social do adolescente. Cumpridas todas as exigências do momento literário do romance, a narrativa apaga, com o incêndio do Ateneu, as possibilidades de se perdurarem ou concretizarem-se tais desvios, relegando para a “crônica das saudades” as lembranças daquela personagem no espaço homossocial do internato. No “funeral para sempre das horas”, o narrador-personagem confirma a ordem naturalista da heterossexualidade e confina no passado todas as complicações da formação de sua identidade.

Neste capítulo, procuramos compreender o espaço físico e as relações homossociais, nos romances, a partir da ligação que este elemento estabelece com as personagens e o enredo. Certamente, tal ligação parece-me, é, sobremaneira, enredada na constituição dos romances, buscando estabelecer uma dialética cuja proposição nos leva a compreender que o espaço, enquanto elemento estético, reflete o lugar próprio das personagens e de suas identificações, e, do ponto de vista ideológico, expõe as condições de convivência nos espaços homossociais como compassos binários das relações pautadas nas premissas do poder, da vigilância e obediência. Os espaços nas narrativas em estudo, são, dessa forma, imprescindíveis para a compreensão da temática do homoerotismo, uma vez que traduzem a noção do real, numa perspectiva naturalista, e esclarecem os fatores psicológicos das personagens cujo desenvolvimento destas se liga, intrinsecamente, ao espaço e às relações que nele se desencadeiam.

## Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, nos debruçamos no Naturalismo brasileiro representado nas obras de Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo*, e de Raul Pompéia, *O Ateneu*, analisando os aspectos mais relevantes da representação do homoerotismo e dos espaços homossociais, a partir das narrativas cujas inscrições no cânone literário nacional são provas da sua importância, enquanto objeto literário de valor inestimável.

No primeiro capítulo, buscamos na história uma exposição do homoerotismo nas civilizações clássicas da antiguidade – Grécia e Roma – com fins de compreender as relações homoeróticas e os pilares culturais dessas civilizações que destacaram esta página da história ocidental, mostrando a distinção com que era tratada a relação entre pedagogo-efebo no cerne da cultura grega, e como foi, também, absorvida pela cultura romana, apesar desta ter como referencial mais a penetração do que mesmo a relação fundada na formação do sujeito.

A importância que tal empreendimento revela, teve por objetivo, não apenas contar um pouco da história das relações homoeróticas e do homoerotismo, mas trazer, para o palco acadêmico, um esclarecimento para alguns aspectos do romance naturalista de temática gay. E foram relevantes as constatações de que também nos romances havia alusões aos desejos homoeróticos gregos e aos elementos comuns daquela cultura no que tange às relações homoeróticas, como podemos perceber em *Bom-Crioulo* na relação entre Amaro e Aleixo.

O recorte naturalista que fizemos, também representou um importante eixo dentro deste trabalho, uma vez que tentamos, através dos estudos de alguns

teóricos, entre eles Flora Süssekind, aprofundar as estéticas desse período literário no Brasil e os enfoques sócio-culturais atrelados à filosofia naturalista. A ciência como norteadora desse movimento, apresenta-se como bastião da verdade, e nos ajudou a compreender os pontos de vista, as temáticas e o desenvolvimento das personagens de Caminha e Pompéia seguindo a agenda naturalista.

Obviamente, a representação do *gay* nos romances em estudo reflete, de fato, o pensamento heterossexual da época. Na análise de *Bom-Crioulo*, no segundo capítulo, observamos que o homoerotismo ao passo que está contra a natureza também é imposto por ela. Dessa forma, Caminha não encontrou uma forma coerente de dizer a homossexualidade de suas personagens, mas conduziu, com maestria, um enredo consideravelmente homoerótico, fundando, segundo a crítica literária nacional, a própria Literatura *gay*.

No terceiro capítulo, procedemos à análise do espaço homosocial de um ponto de vista estético e sociológico. Tivemos grande contribuição teórica nos estudos de Bachelard (1993), Dimas (1994) e outros cujas perspectivas nos ajudaram a esclarecer espaço e ambientação e como esses espaços produziam signos dentro das narrativas, nas personagens e espelhavam, também, aspectos sociais exteriores à obra. A partir da noção de espaço, discutimos os conceitos de homosociabilidade masculina e a representação de identidades em ambientes exclusivamente masculinos, a representação da raça como ponto importante na esteira racista do Brasil do século XIX, bem como sua influência na constituição das teorias naturalistas para explicação dos desejos desviantes de Amaro.

Deixamos para o final, a análise do espaço homosocial no romance de Raul Pompéia, *O Ateneu*, por considerarmos as personagens mais influenciadas por razões psicossociais, como nas estratégias de poder do que de transgressão, como

vimos em *Bom-Crioulo*. Nesta narrativa, temos, no narrador-personagem, um laboratório para os experimentos científicos próprios dos procedimentos naturalistas. No convívio homossocial, a partir da influência do meio, das questões de classe e posições binárias como forte/fraco, constroem-se os elementos das estratificações sociais dentro do internato. O homoerotismo, nesta instituição, nos é apresentado como conformação da personagem em se apresentar fraca fisicamente e necessitar da proteção dos mais fortes. E, é a partir dessa “proteção” que as relações de poder estabelecem os lugares determinados para as personagens naquele ambiente.

Ao fim desta pesquisa, chegamos a um ponto que desde o início nos parecia de extrema importância observar: será que as identidades gays, nos romances, foram construídas nos espaços homossociais? Não diríamos, hoje, nem que sim nem que não. Se seguíssemos a cartilha naturalista com suas teorias deterministas teríamos aporte suficiente para dizer que a construção das identidades sexuais de Amaro, Aleixo, Sérgio, Sanches, Bentos Alves e Egbert foram construídas a partir do convívio no espaço homossocial. Mas, sem rezar o “credo” científico-naturalista, ficamos a conclusão de que, para as personagens, a transitoriedade do homoerotismo é característica do modelo grego de relações homoeróticas. Nelas, se afirmam os ideais de masculinidade traçados pela pedagogia do homoerotismo, onde desejo, transgressão e relações de poder se tornam imperativos na constituição da masculinidade.

Estamos certos de que esta pesquisa é, do ponto de vista literário e científico, de grande relevância para os estudos acadêmicos, visto que reflete acerca de questões cuja importância tem sido elevada à categoria dos estudos gays e lésbicos, levando tais questões para o âmbito das ciências humanas como a Sociologia, Antropologia, Psicologia e a própria Literatura.



Este empreendimento resvala, também, para uma re-leitura dos romances de temática homoerótica, levando em consideração que os sujeitos marcados pelo “estigma” do homossexualismo têm recebido merecido destaque nos estudos críticos atuais e têm sido um ponto importante na agenda dos estudos literários e estudos culturais, como afirma Silva (2007):

O que move a reivindicação desejada é o fato de, primeiramente, o sujeito *gay* estar sendo atualmente motivo de discussão nos fóruns simbólicos e materiais de representação, uma vez que vem adquirindo *status* discursivo, como nunca aconteceu anteriormente na história do homem ocidental. Isso porque se percebeu que a “comunidade *gay*” não só diz respeito a uma grande parcela da população mundial, mas sobretudo porque, sendo uma cifra representativa, constitui uma *identidade* com sua lógica de existência e interpretação, bem como necessita de aportes teórico-críticos no campo da cultura, que venham conferir-lhes *status* de sujeito validado no campo social pela diferença que o marca... (SILVA, 2007, p. 32).

Enfim, nossa pesquisa buscou, através da leitura dos romances analisados, esclarecer alguns pontos como a representação do homoerotismo e o espaço homosocial em *Bom-Crioulo* e *O Ateneu*, com vistas a conferir aos *gays*, como diz Silva (2007, p. 32) “status de sujeito” na atualidade, contribuindo, assim, para uma revisão da literatura *gay* e das contribuições que a crítica dos estudos de gênero têm oferecido para o fenômeno literário enquanto veículo de representação social no mundo ficcional.

## Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. *Masculinidade e homofobia em O Ateneu*. Florianópolis: UFSCar, 2008.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENELLI, Sílvio José. *O internato "O Ateneu": produção de subjetividade na instituição total*. Psicologia USP: São Paulo, 2003, p. 133-170.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BULHÕES, Marcelo. *Leituras do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1994.

DRAKE, Robert. *The gay Canon*. New York: Anchor Books, 1998.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque e SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Apontamentos sobre o espaço físico e o desejo gay em narrativas de temática homoerótica. *Graphos: Revista da pós-graduação em letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa*, n. 2, p. 149-164, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRY, Peter. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Editora brasiliense, 1983.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

GARBER, Marjorie. *Vice-versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GARCIA, Wilton. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. São Paulo: Nojosa, 2004.

GARCIA, Wilton e SANTOS, Rick. *A escrita de até: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo. In: *Novos Estudos*. CEBRAP, Nº 43, 1995, pp. 26-44.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENDES, Leonardo. *O retrato do imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2006.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

RODRIGUES, Humberto. *O amor entre iguais*. São Paulo: Editora Mythos, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SCHÜLER, Donald. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *In Between Men*. In RIKVIN, J. & RYAN, M. (Eds.). *Theory of Literature: an anthology*. Oxford: Blackwell, 1998.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Considerações sobre uma literatura gay. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro e ARANHA, Simone Dália Gusmão (orgs.). *Literatura e lingüística: teoria, análise, prática*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2008.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. (org.). *Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos*. Campina Grande: EDUEP, 2007.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Sobre rapazes e homens*. Campina Grande: EDUEP, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VALE, Alexandre Fleming Câmara (org.). *Estilísticas da sexualidade*. Campinas: Pontes Editores, 2006.

WOODS, Gregory. *A history of gay literature: the male tradition*. London: Yale University press and London, 1998.